

177



EDITORIAL

Mais um número adiantado. Talvez um caso de análise. Mas como dizia o Brocoió: “Á en uara en!”

Os colaboradores estão no compasso: André Carim e Luiz Iório, Manoel Dama, Henrique Magalhães, Mário Labate Santiago, Luiz Cláudio Lopes Faria, Julie Albuquerque, Worney Almeida de Souza, E. Figueiredo, Alex Sampaio, Lio Guerra Bocorny, Pedro José Rosa de Oliveira e os articulistas do ‘Fórum’. A seção ‘Edições Independentes’ se mantém no esquadro.

E para passar a régua, dois encartes impressos: o quarto número de ‘Mestres das Histórias em Quadrinhos’, dedicado a José Pires, e o sem número de ‘Sacolas pelo Mundo’. E ainda um encarte somente digital: o relançamento de **PSIU Mudo**, editado originalmente em junho de 1988, somente com HQs mudas.

Boa leitura!

EDGARD GUIMARÃES

QUADRINHOS INDEPENDENTES – Nº 177 – SETEMBRO/OUTUBRO DE 2022

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com

Rua Capitão Gomes, 168 – Brazópolis – MG – 37530-000

Tiragem de 70 exemplares, impressão digital.



Uma das primeiras ilustrações do Pirata Glauco, feita no início da década de 1970, com o logotipo escrito errado.



agente Laranja em xeque

UMA COLISÃO NO CENTRO DA CIDADE...

DESCULPE! ESTAVA MEIO DISTRAÍDO.

TUDO BEM. NÃO AMASSOU MUITO. VAMOS AÇIONAR OS SEGUROS.

ACIDENTE



SEGURO? NÃO! NÃO! VOU PAGAR EM DINHEIRO!



ISTO DEVE BASTAR PARA O CONCERTO.

HMM...

Criação: André Carim Roteiro e Arte: Luiz Iório



MUITO DINHEIRO VIVO...

NÃO PREFERE CHAMAR SEU SEGURO?



JÁ DISSE QUE NÃO!!!



QUE ESTRANHO... PARECE QUE ESTÁ ESCONDENDO ALGO.



FIM

O SORUMBÁTICO!

PARA PASSAR A TRISTEZA, RECENTEMENTE TIVE NOTÍCIAS DO MEU PAI, QUE DEIXOU A FAMÍLIA QUANDO EU AINDA ERA UM BEBÊ. FOI POR UMA MISSIVA ENVIADA POR UM PRIMO DISTANTE. COM EMOÇÃO, ELE DIZ QUE MEU SAUDOSO GENITOR ESTARIA BEM, SÔ COM UM PEQUENO PROBLEMA DE MORADIA, JÁ QUE VIVIA NA SARJETA DEPOIS DE TER PASSADO 13 ANOS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL POR FURTO QUALIFICADO E FORMAÇÃO DE QUADRILHA. A SAÚDE NÃO É MÁ, APESAR DE ESTAR CEGO DE UM OLHO E ANDANDO COM O APOIO DE MULETAS DESDE QUE VENDEU UM RIM PRO MAFIOSO QUE TAMBÉM LHE FORNECIA DROGAS, MAS FORA ISSO, A ESCLEROSE MÚLTIPLA, A BEBEDEIRA, CIRROSE, IMPOTÊNCIA, CATARATA, CASPA E SEBORREIA, ELE É ATÉ FELIZ, SEM RECORDAÇÃO ALGUMA DE QUE JÁ TEVE FILHOS...



MANOEL DAMA





Colaboração de Mário Labate Santiago.

MEDO DE AVIÃO!!

NO AVIÃO, A AEROMOÇA PERGUNTA PARA UM PASSAGEIRO APARENTEMENTE EM PÂNICO!!

O SENHOR ESTÁ SENTINDO FALTA DE AR?

NÃO, NÃO... ESTOU SENTINDO FALTA DE TERRA!!!



PAIS DE HOJE!!!!?

ESCOLA, LIGA PARA CASA DE ALUNO INDISCIPLINADO!

MÃE, ESTAMOS LIGANDO PORQUE SEU FILHO ESTÁ SE COMPORTANDO MUITO MAL NA ESCOLA!

AQUI EM CASA, ELE TAMBÉM SE COMPORTA MUITO MAL, E EU NÃO FICO LIGANDO PRA VOCÊS!!



Colaboração de Luiz Cláudio Lopes Faria.

FÓRUM

OSÉ MAGNAGO

Cachoeiro de Itapemirim – ES

Recebi o espetacular **QI** 175, recheado de muita coisa boa, matérias legais, cartas dos leitores, fotos e mais fotos, matérias escritas por vários leitores. Recebi também os encartes sensacionais como o nº 15 de ‘Artigos sobre HQs’, ‘Clube Atomic’, ‘O Mistério do Worney’, o nº 5 de ‘Os Primeiros Super-Heróis do Mundo’. Parabéns a você e a todos os colaboradores.

Obrigado por publicar as capinhas de **Meu Amiguinho**, com também a capinha do meu **CR** com ‘Nostalgia dos Alburns de Figurinhas’. Obrigado também a todos que colaboraram com essa excelente edição do **QI** 175.

Obrigado por mais uma obra-prima sua e encartes: o **QI** 176, ‘O Moleque’ do Rod Tigre, o ‘Reações das Editoras...’ nº 3, e ‘Atomic’ nº 7. As capas do **QI** sempre diferentes, com novidades. As matérias, sempre ótimas, as suas e dos colaboradores, o ‘Fórum’, o ‘Fuçando à Toa’. O fanzine **Tché** do Denilson completa 35 anos, parabéns a ele. A seção de ‘Edições Independentes’ é sempre bem vinda, nos informando sobre as publicações diversas e fanzines. A coluna do Worney, sempre ótima, ‘Tupázinho’, muito legal, o Lio Bocorny com o Brejo Seco, sensacional, a matéria com o Fantasma, a do Alex Sampaio, a do E. Figueiredo, a HQ de A. Carim e Luiz Iório, tudo ótimo. Parabéns pela edição.

Anexo, **Quebrando o Silêncio**, edição especial de **Nosso Amiguinho**.

LIO GUERRA BOCORNY

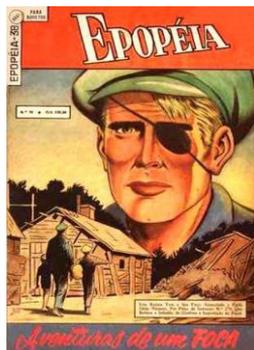
Florianópolis – SC

Semana passada recebi o **QI** 176 de julho/agosto em meados de junho, um verdadeiro recorde. Parabéns a ti e aos colaboradores, onde modestamente me incluo.

Foi uma edição esmerada, assim como também foram os encartes. Como afirmaste, todos os artigos e as seções de passo certo.

Chamou-me atenção o artigo do Alex mostrando revistas diferentes com a mesma capa. Isso acontecia amiúde com as chamadas editoras nanicas. A Ebal teve o cuidado para que isso nunca acontecesse em suas 10.613 publicações, entretanto ocorreu, salvo engano meu, uma única vez: a **Epopéia** nº 38 da 3ª série teve a mesma capa do **Álbum Gigante** nº 62 da 1ª série, por sinal, a aventura foi a mesma, ‘Aventuras de um Foca’, uma bela narrativa.

Em apenas uma modesta colaboração para o 177, que pelo jeito sairá em agosto.



LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA

Taubaté – SP

No último número do **QI** não consegui participar, fechamento de médias, relatórios, lançamento de faltas, matérias, enfim!

Do **QI** 176 destaque ‘Maria’ de Henrique Magalhães, arte de Mário Labate, ‘Sonhos’ de E. Figueiredo, ‘Agente Laranja’ de André Carim e Luiz Iório, ‘Fórum’, que é outra obra de arte! Quero agradecer a todos pelas palavras de carinho e apoio.

Antes de encerrar, parabেনizar nossos ‘heróis da resistência’ com suas ‘Edições Independentes’, ‘Tupázinho’ de Pedro José R. de Oliveira e ‘Um Pouco Mais de Fantasma’.

PAULO JOUBERT ALVES

Santa Luzia – MG

Sobre a matéria da “homenagem” de Adão Iturrugarai ao Mike Deodato, pode contar ao Worney que o paraibano levou “de boa”! Transcrição das redes sociais do artista: “Ser sodomizado numa tira de @aiturrugarai não tem preço! Obrigado pelo presente de aniversário, broder, adorei!”

Este mês já nos levou outra artista: Tim Sale. Eram dele os painéis que o personagem Isaac, da série **Heroes**, pintava, com imagens proféticas do futuro. Na cena da série, o artista é morto e fica deitado sobre a própria pintura.

Legal ter publicado as fotos do encontro do Denilson com Neal Adams e o meu com George Pérez. Que tenham uma boa acolhida no outro plano de existência.

Até hoje ando às voltas com as correspondências que não estavam aceitando sequer receber para enviar ao exterior. Mês passado consegui enviar 3, porém duas voltaram com a etiqueta de EMBARGO POSTAL EXTERIOR. Pior que na página dos Correios na internet e nem com funcionários descobri a razão disto...

E. FIGUEIREDO

efig2005@gmail.com

Conforme já lhe informei pelo Correio, recebi sua correspondência contendo o **QI** 176 e os encartes. Grato. Igualmente, agradeço a inserção da minha crônica ‘Sonhos’!

Esta edição está ótima, principalmente a capa! Gostei muito do encarte ‘Leitores e Mercado de Quadrinhos’ 3.

Estou anexando recortes e minha crônica ‘O Bicho Papão’!

FABIO SALES

fabio.sales@uol.com.br

Obrigado por mais esta edição. Mais uma vez parabênizo sua dedicação e os esforços dos colaboradores. Lerei com calma. E agradeço também o envio dos encartes.

RENATO ROSATTI

renatorosatti@yahoo.com.br

QI 176 recebido. Obrigado. Parabéns pelo ótimo trabalho de sempre. Está registrado no ‘Memória dos Fanzines’ 410.

<https://infernoticias.blogspot.com/2022/06/memoria-dos-fanzines-410.html>

RYNALDO PAPOY

papoy3@gmail.com

Salve, muito obrigado mesmo por inserir minha HQ no **Psiu**, ficou absolutamente sensacional. As outras HQs são também incríveis, adorei todas. Claro que enviarei uma HQ para o novo **Psiu**, estou já preparando aqui. Muito legais as publicações da Marca de Fantasia, há tempos acompanho o trabalho do pessoal.

Chegou rápido, como tem acontecido desde que você passou a registrar. O velho conceito do capitalismo: pagou mais, recebeu produto melhor.

Pois é, comentando a matéria 'Ferdinando do Brejo Seco', não há dúvida de que 'Li'l Abner' foi bastante publicado no Brasil, como também bastante popular. Há um porém nisso tudo, e acho que você concordará comigo. Como traduzir Al Capp para o português, ou para qualquer outro idioma? Eu acho praticamente impossível traduzir aquele típico linguajar criado por Capp para toda aquela turma de caipiras malucos de Dogpatch. Não estou, no entanto, querendo afirmar que 'Li'l Abner' não poderia ou deveria ser publicado em outros países e em outras línguas. Acredito sim que muito de seu encanto e originalidade perdem-se nas traduções. Trazer para nós todo aquele "hillbilly humor", típico de Al Capp, para o português seria muito difícil. Mesmo que aqui fosse adotado também um linguajar caipira, não daria certo. Seria algo aparentemente falsidade. E o nosso Ferdinando, para quem conhece o Li'l Abner original, sabe que isso realmente aconteceu. De uma forma ou de outra, a obra de Al Capp foi traduzida e publicada no Brasil. Ponto positivo, pois essa obra-prima dos quadrinhos não poderia ficar ausente de nossas publicações. Há quem diga, não sei se é verdade ou não, que nos velhos tempos do Gibi quem "traduzia" 'Li'l Abner' era Nelson Rodrigues, que na verdade não sabia inglês. Outra obra que apresentava "traduções" desastrosas na antiga editora de Roberto Marinho era 'Oakly Doaks', tira de R. B. Fuller. Aqui chamado de Sir Teréré (sim, com dois acentos gráficos). 'Oakly Doaks' era uma sátira da Idade Média, podendo ser comparado com o mesmo humor de 'Alley Oop' e 'Li'l Abner'. Infelizmente, a tradução aqui foi um desastre.

Voltando ainda aos comentários sobre Sy Barry e seus vários fantasmas ("ghosts") para desenhar 'O Fantasma'. A redundância aí foi inevitável. Dizem que Barry não gostava de fazer a parte de lápis, deixando isso para seus assistentes, e assim fazer apenas a arte-final, para que sua traça e seu estilo predominassem. A verdade é que Sy Barry usou inúmeros "ghosts" durante os muitos anos em que desenhou "Mr. Walker, the ghost who walks" (outra redundância). O primeiro assistente de Barry, trabalhando com ele de 1962 a 1965, certamente fazendo apenas a parte de lápis, foi Bob Forgione. Depois vieram muitos outros, alguns até mesmo fazendo a arte-final. Nomes como Joe Giella, Don Heck, George Olesen, John Rosenberger, nossos conhecidos André Le Blanc e José Delbo e outros. Tanto as tiras como as páginas dominicais de 'The Phantom' (não me refiro aqui às histórias de comic books) davam a impressão de que, mesmo com o decorrer dos anos, conseguiram manter o mesmo padrão, os mesmos traços. Não é bem assim. Basta um exame mais detalhado e percebe-se a diferença de estilo, ou melhor, as mudanças de desenhistas ou assistentes. Em minha opinião, a melhor fase do Fantasma assinado por Sy Barry foram os anos de 1962 a 1970 nas tiras diárias. As páginas dominicais dessa fase também apresentaram alguns bons episódios, mas misturados com outros mais fracos. Quanto ao fato de o personagem no Brasil ser chamado de O Fantasma Voador em seus anos iniciais só pode mesmo ser classificado como estupidez editorial. Quanto à roupa vermelha dele, acho que foi uma economia de tinta na hora de impressão... e assim ficou. Isso não aconteceu só no Brasil. Ora, um personagem como esse com roupa vermelha pode ser até mesmo ridículo. O Espírito que caminha, que inspira medo nos mais valentões e perigosos bandidos, aparecer com roupa vermelha!!! Estranho, é o mínimo que se pode dizer. Mais uma capa original e criativa esta do nº 176. Parabéns.

Os temas que você escolhe para 'Fuçando à Toa', e também para 'A Mulinha da Ebal', são realmente muito interessantes e curiosos. Eu sabia, como todos também deviam saber, que o Águia Negra era uma cópia disfarçada do Fantasma, mas esse Zigomar foi algo novo para mim. Lee Falk certamente nunca foi avisado de que seu herói estava atuando junto a esse tal Zigomar. Muito boa essa sua descoberta. Fuçando e fuçando as velhas histórias em quadrinhos descubrem-se coisas realmente curiosas.

Nas questões de tradução, além dos mencionados, tem um que merece menção especial, o 'Krazy Kat'. Herriman, além do uso de palavras próprias e com escrita fonética, em muitas passagens, dava ritmo às frases. Se forem lidas em voz alta, percebe-se uma cadência própria. Quem faz poema de forma fixa exalta a rima e a métrica e não fala do ritmo. É que os dois primeiros são fáceis de conseguir (com algum treino), mas ritmo é para gente grande.

No "QI" impresso não dá para ver, mas a cabeça do Fantasma impressa na capa de "O Globo Juvenil", em sua primeira "aparição", foi colorida com um "azul claro meio esverdeado". Então o vermelho não foi de cara a primeira opção. E você tem razão. A escolha de uma cor padrão facilita o trabalho de colorização, que era feita pelos próprios gráficos na oficina. O vermelho se obtém com duas cores chapadas (magenta e amarelo). Mas há um detalhe. Embora uma roupa vermelha viva seja inadmissível num herói misterioso, na verdade no Brasil a cor da roupa do Fantasma era vermelho escuro, pois o vermelho chapado era colocado em cima das retículas que já vinham no desenho original. Pelo menos nas tiras, a roupa do Fantasma era reticulada. Não sei dizer quanto à prova em preto e branco que as editoras compravam das páginas dominicais.

Muito boa sua lembrança de 'Krazy Kat' como obra impossível de ser traduzida corretamente. O trabalho de Herriman, como o de Capp, precisa ser lido no original para uma apreciação completa. Não há outro jeito. Nenhuma tradução poderá retratar a beleza e a originalidade da linguística de seus autores, de seus aspectos fonéticos, sintáticos, morfológicos. A questão de tradução de muitas obras literárias é algo complicado, porque o tradutor, por melhor que seja, altera uma das ferramentas fundamentais de um escritor: o idioma e a forma de usá-lo. Nesses casos não há outra forma, pois há obras que precisam ser traduzidas, mesmo sofrendo esses problemas insolúveis na tradução. As tiras cômicas muitas vezes passam por problemas idênticos. Frequentemente a piada, o humor, o jogo de palavras da língua original não se ajustam ao idioma da tradução. Assim o tradutor precisa eliminar o original e criar uma piada ou qualquer outra coisa que se ajuste à nova língua e à cultura do país. Algo complicado, mas não há outro jeito.

Voltando à questão da roupa do Fantasma. Realmente, tanto os originais como as provas de reprodução das páginas dominicais distribuídas pelo King Features não usavam o benday (retículas). Ray Moore, no entanto, logo no início, pareceu ter empregado algum benday em suas 'sunday pages', mas não exatamente na roupa do Fantasma. Sy Barry e seus assistentes não aplicavam o benday nos originais das tiras de 'The Phantom' (pelo menos os que eu vi). Os locais onde o reticulado deveria ser aplicado eram marcados com tinta azul claro e a gráfica do "syndicate" fazia esse trabalho. Muitos outros desenhistas trabalhavam dessa forma. Outros já aplicavam eles mesmos o benday, principalmente os que usavam a cartolina crafting (Roy Crane, Leslie Turner, Dan Spiegel, etc.).

Outro assunto: o encarte de Daniel Saks sobre os problemas das editoras brasileiras diante da nossa maluca economia e dos muitos planos econômicos mais estrambóticos ainda. Muito bom. Uma pesquisa bastante detalhada. O trabalho foca principalmente a época dos formatinhos e de super-heróis, quando eu já não estava mais comprando essas revistas. Nunca gostei ou aprovei os tais formatinhos e já estava entediado com os muitos heróis poderosos e neuróticos da Marvel e da DC. Assim, o metucioso trabalho do Daniel foi algo inédito para mim. Simplesmente inacreditável a ginástica editorial e financeira que as editoras eram obrigadas a praticar para sua sobrevivência. Seria interessante, como também importante, fazer um trabalho assim abordando os tempos (bem mais favoráveis) da Ebal e da RGE.

Comentando a distribuição setORIZADA, abordada pelo Daniel como mais uma solução para driblar o cenário econômico distorcido do Brasil. Os formatinhos da Ebal também entraram nesse esquema. Como disse, eu já não comprava essas publicações, no entanto, segundo relato de um amigo colecionador, os formatinhos da Ebal chegavam, com grande atraso, às bancas em Campinas, muitas vezes com nítidos sinais de publicações de encalhe, devolvidas ao distribuidor e então redistribuídas. Algumas vezes até mesmo com alguns milímetros a menos devido à necessidade de refilear as revistas.

Não sei o que acontecia com as revisas da RGE. Meu amigo não soube dizer, pois não comprava esse material. É certo que havia sérios problemas de distribuição de revistas no Brasil, principalmente de quadrinhos. Algumas editoras acusavam as distribuidoras de muitas vezes devolverem as revistas sem mesmo distribuí-las às bancas. O Adolfo Aizen certa vez reclamou dos jornaleiros do Rio de Janeiro, porque eles deixavam as revistas em quadrinhos no fundo de suas bancas, em lugares de pouca ou nenhuma viabilidade. Isso com certeza não acontecia apenas no Rio, pois aqui em Campinas era a mesma situação. Quando surgiram as lojas especializadas em HQ, ou grandes livrarias que mantinham um espaço especial para esse tipo de publicação, a situação melhorou bastante, mas já era tarde demais para Ebal e RGE, como também para outras pequenas editoras. Todas já haviam fechado suas portas. O problema maior de distribuição parece ter sido sempre o tamanho do país. Para algumas regiões, essa distribuição tornava-se mais cara, mais demorada, mais trabalhosa. Não é difícil de concluir que as empresas encarregadas disso não davam muita atenção a essas regiões ou a pequenas cidades. Confesso não saber como está a situação hoje. As bancas de jornal, que já têm poucos jornais para vender, ainda estariam vendendo revistas em quadrinhos?

EDUARDO WAACK
eduardowaack@gmail.com

Abaixo deixo nota introdutória e link de acesso ao vídeo poema **Retirantes**. É um trabalho simples, porém produzido com o coração.

“Observando as enormes massas humanas vagando sem direção, humilhadas e oprimidas, **Retirantes** foi escrito em 28/1/2021. Traz dentro de si a história de todos nós, que de alguma maneira deixamos para trás memórias, afetos, cotidianos e raízes. Futuros. Cada um a seu modo precisa conviver com as perdas que são reais e subjetivas. Ao passar dos anos nos transformamos, da forma de pensar e agir à aparência física e astral. Este é o tema deste vídeo poema repleto de reflexões.”

<https://youtu.be/smygvrTBEyl>.

“O curta-metragem **Portinari Revisitado** tem concepção, roteiro, filmagem e direção de Chico Silva e Eduardo Waack, e produção do jornal **O Boêmio**. Faz um mergulho sentimental e histórico nas obras de Cândido Portinari. Mostra imagens dos locais onde passou a infância e inspirou-se, incluindo a residência de sua avó, hoje Museu Casa de Portinari.”

<https://youtu.be/msqg04legj0>.

ANGELO MARTINS
angelomsjunior@yahoo.com.br

Recebi o número 176. Parabéns por mais esse belo trabalho de pesquisa, artigos e tudo mais. Como eu disse em mensagem anterior, até a seção de cartas é rica em informações.

Suas capas são outra atração, primam pela criatividade de sempre. Os encartes são muito legais também. Principalmente aqueles que mostram os quadrinhos dos primórdios, como o Dr. Semana.

De minha parte, agora estou num hiato criativo, apenas remodelando alguns álbuns meus já lançados. Todas as minhas histórias em quadrinhos estão recebendo letras feitas pelo computador. Está dando um visual mais profissional às obras. Aos poucos estou comprando ISBNs para os meus livros. Enfim, oficializando cada vez mais as minhas criações.

Muita ideia na cabeça e um comichão para começar a desenhar, fato este que talvez ocorra a partir do começo do segundo semestre. Afinal, isso não terá mais fim... enquanto eu durar... e que prazer!!

Ah, e muito obrigado pela divulgação do meu último álbum.

LUIZ ANTONIO IÓRIO
lorio@ymail.com

Ficou excelente (o **Psiu!**)! Parabéns pelo trabalho! Pode contar comigo, quando precisar.

Sua HQ já está incluída para sair no “Psiu” 5. Só aguardo mais colaborações para fechar e lançar com o próximo “QI”.

QUIOF THRUL
quioft@gmail.com

No **Inducks** mostra o Mancha Negra sem máscara em outras situações posteriores, contudo, dessas histórias que encontrei, apenas a primeira foi publicada aqui, somente em 2018 na **Disney Big** nº 49 como título ‘O Duplo Mistério do Mancha Negra’, por isso muitos pensam que ele não havia ficado sem ela, há quem diga que ele se parece com o próprio Walt Disney.



Romano Scarpa, 1955



Giulio Chierchini, 1951



Onofrio Bramante, 1962



Onofrio Bramante, 1963

Na história em que estreia o Mancha Negra, lá em 1939, ele foi desmascarado no final. Mas há uma curiosidade na história. Numa tira no começo da aventura, várias semanas antes, aparece um personagem com a mesma cara do Mancha. É o dono (ou gerente) de uma loja de máquinas fotográficas que foi assaltada pelo Mancha. Como no final, ao tirarem a máscara do Mancha, ninguém falou “Olha, é o cara da loja de máquinas fotográficas!”, então foi somente um vacilo do Floyd Gottfredson, que, ao mostrar a cara do Mancha, não lembrou que já tinha usado antes uma cara parecida num figurante.



O resgate do **Psiu** é muito importante, ainda mais com um novo número em homenagem aos 40 anos do primeiro.

O ensaio do Daniel Saks revela que o Brasil passou por outras crises financeiras e os quadrinhos sempre sofrem com isso. O formatinho implementado pela Abril, copiado da segunda versão da italiana **Topolino**, lançada em 1949, que por sua vez se inspirou no **Reader's Digest**, por isso o formato se chama ‘digest size’ nos Estados Unidos, foi adotado pelas demais editoras a partir dos anos 1970 quando houve um aumento do preço do papel.

Interessante esse desenho do Disney com o papagaio. Há diversas teorias, uma que ele recebeu um desenho do J. Carlos de um papagaio com o Donald, que copiou um papagaio do Luiz Sá, que não conseguiu mostrar uma animação dele ao Disney, já que foi impedido pelo DIP de encontrar o empresário, ou mesmo que Disney copiou trejeitos do Paulo da Portela.

Luiz Sá usava o olho que no **TV Tropes** é chamado de 'pie-eyed', muito usado na Disney nos primórdios e revisitado em alguns projetos.

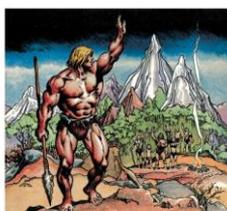


No texto 'Tupázinho' do Pedro José Rosa de Oliveira, fala sobre o Minami ter abandonado o estilo mangá no personagem, mas quando comecei a pesquisar sobre o assunto, ainda sem ter o blog, colaborando pro extinto **Kotatsu Wiki**, outras fontes diziam que Minami fez uso do estilo mangá. O próprio Minami dizia que testou no **Álbem Encantado**, porém, nem tudo lá lembrava os mangás, tinha o Chiquinho, que era Little Joe ou Little Ike da St. John. Foi então que achei um anúncio da revista **Tupázinho** nº 1 da Pan Juvenil e o estilo mangá estava lá, o Luigi Rocco publicou a página com qualidade no **Tiras Memory**. Também no blog do Luigi descobri que a tal história recebeu um remake pelo José Crispim na revista **Verde Amarelo Meu Brasil** (Edrel, 1972). Luigi também achou um exemplo de estilo mangá bem moderno do Crispim na revista **Mil Piadas** nº 35 (1971). Há muito o que pesquisar sobre o assunto, como já disse em outra ocasião, o Ypê Nakashima fez tiras yonkomas (tiras verticais de quatro quadros, yon é quatro e koma é quadro ou vinheta). O Luigi Rocco descobriu que foram ainda nos anos 1950 no **São Paulo Shimbun**. Eu acho que nem o Ypê possa ter sido o primeiro, mas sim o primeiro que conseguimos identificar. Mas isso não tira o mérito do Minami, ele copiou o modelo das antologias japonesas. Hoje parece estranho, mas o material local dividia espaço com o quadrinho americano (como no começo da **Spirou**). No caso daqui, histórias com estilos americanos com outras no estilo mangá. Certa vez, o Sérgio Peixoto, editor das revistas **Japan Fury**, **Animax** e **Anime Ex**, disse que seu primeiro contato com o estilo mangá não foi com animes, mas numa revista de horóscopo do Omar Cardoso. Pesquisei e vi que o Omar publicava na Editora Bentivegna, então a conexão de fato existe, talvez fosse do próprio Minami (que também era astrólogo). Até já encontrei uma revista do Omar Cardoso da Editora Urano do ano de 1967 com desenhos do Fabiano Dias no MercadoLivre, mas não salvei as páginas. Segundo Luigi Rocco, que também viu o anúncio, o personagem era o Tico, que também saiu no **Jornal Paulista** e no **Álbem Encantado**.



O próprio Peixoto já procurou a revista no MercadoLivre, a arte pode ser do Minami ou de algum dos colaboradores ou mesmo de algum autor japonês.

Ainda sobre a questão 'quadrinho vs. história ilustrada', lembrei que no começo da linha Master of the Universe da Mattel, os bonecos eram acompanhados por pequenos livros, chamam de minicomics. O termo é bem abrangente, no geral, qualquer gibi menor que o formatinho é minicomic. O formato foi muito usado por artistas de quadrinhos independentes, mas também como brindes de brinquedos. Essas primeiras minicomics do He-Man eram bem mais histórias ilustradas, depois lançaram com mais cara de quadrinhos, alguns até produzidos aqui pela Estrela.

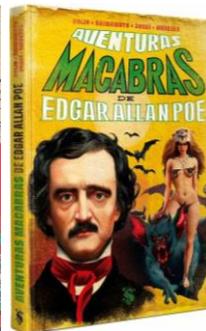
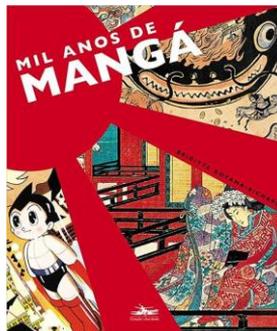


A mighty figure stood at the edge of the jungle that had, until this day, always been his home. He-Man, the hero's greatest warrior, waved his farewell. He might have preferred to stay, but he had a noble mission to accomplish. "I've fought to exist on our planet Eternia," He-Man told his people. "They seek to control the legendary Castle Grayshift, a place of wonders. If any are to know a lasting peace, I must go out and battle those forces, farewell."



Teve um projeto que já foi financiado pelo Catarse, mas vale a pena procurar. A editora Estação Liberdade publicou **Mil Anos de Mangá** de Brigitte Koyama-Richard, professora da Universidade de Tóquio. O livro foi publicado originalmente em 2007 pela editora francesa Flammarion. O livro já está à venda.

A Skript lançou a campanha de **Aventuras Macabras** de Edgar Allan Poe, que são adaptações por Flavio Colin, Júlio Shimamoto, Jordí e José Menezes publicadas em **Capitão Mistério Apresenta – Aventuras Macabras** nº 12 (1978), com prefácio de Romeu Martins, 4 HQs, 4 contos traduzidos e um posfácio sobre os bastidores da obra.



É curioso que o termo cartunista é mais amplo nos Estados Unidos, eles chamam quem faz cartum/cartoon, mas quem também faz tiras de jornal (mesmo sem ter o estilo cartunesc) e quem faz animações, talvez por muitos artistas de tiras e animadores terem usado o estilo cartunesc. No **Universo HQ**, Sérgio Codespoti publicou o texto ‘Quando a Nomenclatura faz a Diferença’ (8/10/2008), onde ele diz que artistas de tiras tinham um status maior e os de revistas em quadrinhos não, ele explica que o motivo era a distinção entre comic strip e comic book. O texto está fora do ar, mas dá para acessar pelo Internet Archive pelo link

https://web.archive.org/web/20100419001724/http://www.universohq.com/quadrinhos/2008/chiaroscuro_nomenclatura.cfm.

Informo o falecimento da roteirista Thereza Saidenberg no último dia 9 de junho aos 84 anos. Ela escreveu histórias da Turma do Pererê de Ziraldo, Patrícia e Fofura do Ely Barbosa, Turma do Lambe-Lambe do Daniel Azulay e até parcerias com o marido, Ivan Saidenberg. Me deparei com o trabalho dela por acaso, tinha lido que ela teria sido roteirista de histórias do boneco Falcon da Estrela em **Falcom Especial** nº 1, publicado pela Editora Três em setembro de 1977 e coloquei num dos primeiros textos do Quadripop: ‘Os Quadrinhos de G.I. Joe/Comandos em Ação no Brasil’. Contudo, ao perguntar pra filha do casal, Lucila, ela me revelou que na verdade eram roteiros do Ivan, que por estar em contrato na Abril, não podia assinar. Ela fez um texto sobre isso no blog sobre o pai. Depois adquiri o livro dela, **Ivan Saidenberg: O Homem que Rabiscava** e também constava essa informação. Houve uma outra revista, **Comandos em Ação – Falcon** cujos roteiros são creditados a Walter Negrão e Maria Duque Estrada. O único Walter Negrão que conheço é um jornalista que também escrevia telenovelas e achei uma jornalista com esse nome Maria Inez Duque Estrada. Não achei confirmação se eles escreveram quadrinhos. Já os desenhistas são Antonino Homobono Balieiro e Michio Yamashita.



A história do Falcon é bem curiosa. Falcon era uma versão do G.I. Joe da Hasbro (cujo primeiro lançamento foi em 1964). O nome da coleção era ‘Comandos em Ação’. Quando a Hasbro lançou com a Marvel a coleção ‘G.I. Joe – A Real America Hero’, a Estrela manteve o nome Comandos em Ação. Até mesmo o Carlos Edgard Herrero e o Marcelo Cassaro fizeram anúncios em formato de quadrinhos (algo que já era feito pela Hasbro nos anos 1970). Em 2008, a Hasbro passou a lançar como G.I. Joe no Brasil. A Estrela até tinha lançado Falcon e Comandos em Ação, mas nem sempre com esses nomes (o site **Falcom 80** é bem amplo sobre o assunto), mas em 2017 resolveu relançar Falcon. Em 2019, lançou até um gibi, **Falcon: Operação Primus**, com argumento de Daniel Esteves, roteiro de Larissa Palmieri e Tiago Oaks e ilustrado por Marcos Farrell. Ano passado, vi sites noticiando que a Hasbro disputa com a Estrela por vários brinquedos. Após a Hasbro entrar no Brasil, passou a publicar muitos deles com os nomes originais, mas a Estrela continuava com os nomes em português: Banco Imobiliário (Monopoly). Fui pesquisar e de fato ela tem as marcas Falcon e Comandos em Ação, registradas com o nome Briquemolde – Licenciamento, Indústria e Comércio Ltda. Curiosamente, nos gibis de Falcon, o nome do licenciante era Falcon – Indústria e Comércio Ltda. Uma decisão judicial havia determinado a destruição desses brinquedos.

Em matéria no **G1** de 14 de fevereiro deste ano diz: “Na decisão de outubro de 2021, o TJ entendeu que os jogos Detetive, Cara a Cara, Combate, Super Massa, Genius, Jogo da Vida, Jogo da Vida Moderna, Vida em Jogo e Viralettras são da Hasbro e a Briquemolde, da qual a Estrela é sócia majoritária, deve desistir dos pedidos de registro dessas marcas no Brasil. Já quanto aos jogos Comandos em Ação, Comandos em Ação Falcon e Dona Cabeça de Batata, perícias judiciais comprovaram que são originais da Estrela e que a Hasbro não teria direitos quanto a eles. O mesmo ocorreu quanto ao Banco Imobiliário, cuja perícia judicial comprovou pertencer à Estrela e a marca não deve ser cedida à Hasbro.”

Curiosamente, a Hasbro obteve os direitos do Action Man, lançado em 1966 pela Palitoy. Ele também foi uma adaptação do G.I. Joe. Quando A Real American foi lançado em 1982, a Palitoy chamou de Action Force, com quadrinhos pela IPC e Marvel UK, que chegaram nos Estados Unidos como G.I. Joe European Missions. Em 1991, a Hasbro comprou a Tonka, empresa que havia comprado a Palitoy, adquirindo assim as marcas Action Man e Action Force. Action Man virou um personagem diferente comercializado pela Hasbro. Mesmo o G.I. Joe original tem nome, é o General Joseph Colton (interpretado por Bruce Willis em **G.I. Joe: Retaliação**, 2013). Além disso, foi estabelecido que o codinome Action Man foi compartilhado por vários agentes britânicos ao longo dos anos (algo que também foi feito na nova HQ do Falcon, para explicar as versões diferentes do boneco).

Faltou essa parte. O Minami não foi o único a se inspirar no Astro Boy. Claudio Seto fez Flavo na Edrel e Super-Pinóquio na Grafipar. Aliás, o Pinóquio foi outra inspiração do Tezuka, que também fez um mangá sobre ele. O Tatsuo Yoshida, criador do Speed Racer e O Judoka (Kurenai Sanshiro) tinha o Ás do Espaço, um menino alienígena que lembra o Gerducho, irmão do Speed.



A Mythos acaba de publicar histórias de Fantasma produzidas na Itália e mantendo a cor vermelha.

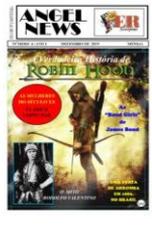


Esse ano, a IDW vai deixar de publicar o Universo Hasbro e a Marvel perdeu a licença do Conan.

Milton Caniff e Jayne Mansfield.

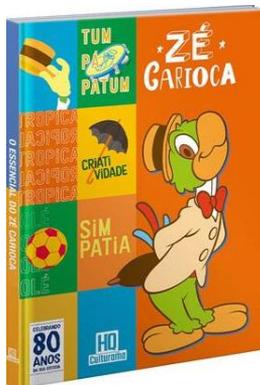


Edno Rodrigues, irmão do Edmundo Rodrigues, edita dois fanzines digitais (mas que também são impressos): **No Mundo das HQ** e **Angel News**, acessados pelo link <https://www.facebook.com/rodriguesedno>.



Hoje, 24/6, Fernando Marques informou no Facebook que o José Menezes faleceu: “Hoje o mundo dos quadrinhos perdeu mais um de seus artistas, e eu perdi um grande amigo. José Menezes, que conheci no início dos anos 90 e colaborou com o suplemento infanto-juvenil **Tribuninha**, que produzi de 1990 a 2020, com matérias sobre os grandes desenhistas brasileiros e também grandes personagens do passado. Dava para fazer um livro e tanto com essas matérias. Ainda destaco uma entrevista que fiz com ele, em 2002, para a **Tribuninha**.”

A Culturama anunciou para julho: **O Essencial do Zé Carioca**, celebrando 80 anos da sua estreia, com histórias produzidas por brasileiros como Júlio de Andrade e Renato Canini. São 14 histórias em 144 páginas.



MÁRIO LABATE SANTIAGO
mariolabatearte@gmail.com

Acabei de receber o **QI 176!** 176 números!! Acho isso fantástico! Não sou um estudioso dos quadrinhos, mas acredito que o seu fanzine é o único que atingiu essa marca. Espero ver a publicação de nº 200. Aliás, essa edição tem que ser especial!

Bom, voltando, essa edição como sempre está incrível! Suas capas continuam um espetáculo à parte, fico sempre curioso e imaginando como será a próxima.

Até a Maria do Henrique Magalhães está tendo problemas com a tecnologia.

Fico muito feliz quando vejo um de meus desenhos em seu zine. Aliás, vou te mandar mais colaborações em breve.

‘Sonhos’ do E. Figueiredo é um texto incrível! Quem nunca sonhou em ser um super-herói? Capitão Marvel era o herói preferido do meu saudoso pai. Além dos quadrinhos, ele adorava o seriado que era exibido nas matinês.

A ‘Agente Laranja’ tem um traço dinâmico e caprichado.

O ‘Fórum’ é a minha seção preferida, com comentários de alto nível.

‘Fuçando à Toa’, genial. ‘Edições Independentes’ com ótimas publicações. ‘Tupazinho’ e ‘Ferdinando’ marcando presença e a sua ‘Maraiah’, com um certo descuido, fechando o zine.

Vida longa ao **QI!**

FRANCISCO DOURADO
praianoturna@gmail.com

Acabei de ler o suplemento do Daniel Saks. Muito bom o caleidoscópio financeiro apresentado por ele.

No ‘Fuçando à Toa’, foi impagável ver o Fantasma se desentendendo com o herói iugoslavo. Crossover clandestino interessante. Quanto ao Antonio Euzébio, creio que tenho algo dele no computador, vou verificar.

WAGNER AUGUSTO
cluq@terra.com.br

Estamos preparando 4 novos volumes de Ken Parker, os últimos da coleção, em fase de tradução, sem data ainda de lançamento.

Aproveito a oportunidade para indagar se haveria interesse em receber uma pequena contribuição para o seu considerável acervo referente aos quadrinhos. Trata-se de algumas embalagens, na maioria de envelopes e sacolas plásticas de livrarias, comércio e editoras de histórias em quadrinhos, amalhadas nos últimos 40 anos no Brasil, Argentina, USA, Itália, França, etc.

ROD TIGRE
rodtigrerj@gmail.com

Estou participando menos porque estou atarefado aqui, mas chegou a nova edição do **QI**, valeu por acrescentar meu encarte, vou tentar mandar algo pro 'Fórum'.

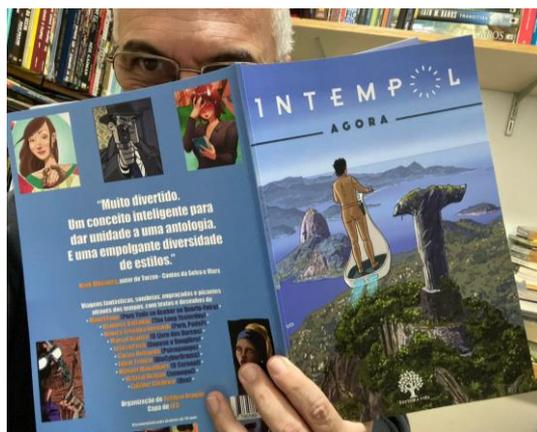
VALDIR RAMOS
luizaevaldir71@gmail.com

Recebi ontem o **QI** 176... edição primordial e primorosa, como sempre. Meu caro, veio em carta registrada, mas caso você queira enviar sem registro mesmo... pode demorar mais um pouco, mas tenho recebido a contento todas as edições enviadas.

GAZY ANDRAUS
gazyandrus@ufg.br

Intempol – Agora é uma antologia de histórias sobre uma polícia temporal cheia de agentes nem sempre honestos em desventuras nada entediadas. Diferente de outros viajantes do tempo da cultura pop, esses não estão aqui para ajudar ninguém que não seja eles próprios, em contos, romances e quadrinhos cheios de ação e paradoxos. Muitos paradoxos. Este álbum reúne em 68 páginas um elenco como Osmarco Valladão, Ciberpajé, Otávio Aragão, Manoel Magalhães, introdução de Marcos Ramone e capa do genial Leo.

<https://www.livrariafantasticadoborges.com.br/intempol>.



Outras divulgações enviadas por **Gazy Andraus**.

 **Marca de Fantasia**

Início • Editorial • Álbuns • Livros • Revistas • Parceiros • Serviços



O mito de Sílvio
Rennan Pereira Queiroz
Golânia: Cria, Ciber, junho de 2022. 8p.
Editor do Cria, Ciber: Gazy Andraus e Léo Pimental
Coord. Geral do Ciberpajelaços: Edgar Franco (Ciberpajé)
Edição digital

 **Marca de Fantasia**

Início • Editorial • Álbuns • Livros • Revistas • Parceiros • Serviços



Mulheres e arte sequencial:
elas pesquisam, elas produzem
Danielle Barros, Maíra Alvim, Cátia Balduino,
Nataly Costa Gorga
Golânia: Cograf UFG, 2022. 303p.
Série Desenredos, 16.
Edição digital

ALEX SAMPAIO
minqmail@gmail.com

Em mãos o **QI** 176. A remessa chegou no prazo de 11 dias, dentro do previsto dessa nova modalidade de postagem impressa. Mais uma edição digna de tirar o chapéu, desde a capa com ampla inspiração, ao conteúdo rico em informações.

O 'Fórum' veio recheado, com opiniões, ideias, sugestões, informações e muitos elogios ao **QI**, que já faz parte das nossas aspirações.

O 'Ferdinando', uma abordagem do Lio, nos trouxe uma recordação belíssima. Al Capp foi um brilhante cartunista americano, onde seu personagem nos levava ao imaginário território de Brejo Seco. No auge do sucesso, nos anos 1940, aparecia em 1500 publicações. Em 1977, porém, esses números caíram para 400. Deprimido, o artista Capp fechou seu estúdio. Foi um incansável em ridicularizar a empáfia dos líderes, a ganância pelo lucro, a exploração do patriotismo, o grotesco do matriarcado e vergastou, acima de tudo, como gostava de frisar, a burrice e o embuste. Enfim, talvez um excêntrico ao extremo!

Li e reli sua fuçada sobre o Fantasma da série Zigomar da Lugoslávia. Sempre tive a opinião de que, quando temos referências, trata-se de algo normal. O que não concordo são os plágios, uma atitude mesquinha, desleal e ilegal. E o pior foi o fato do mesmo ter sido publicado no Brasil no **Suplemento Juvenil** sem o pagamento dos devidos direitos do personagem de Lee Falk, que aparece na HQ sem o conhecimento do detentor dos royalties. Ainda em outra fuçada sua, tomei conhecimento da identidade do Mancha Negra, o vilão das HQs do Mickey. Jamais imaginaria que esse personagem um dia foi visto sem máscara em suas aventuras. Já em 1939 essa máscara caiu e para nós brasileiros, em 1942 no **Mirim**. Bela informação!

O Quiof nos presenteou com um banho de informações sobre o mundo dos quadrinhos. Belos textos acompanhados com belas ilustrações. Mais que uma participação no 'Fórum', o articulista sabe o que escreve e tem um trabalho de pesquisa e informação muito apurado.

Tenho percebido que o mercado de quadrinhos anda crescendo, mesmo que timidamente. Muitas novidades têm aparecido e com vendas diretas para o consumidor nos sites das editoras, os preços estão mais justos sem a parcela das bancas, casas de gibis e livrarias. Os leitores estão sendo beneficiados com as compras diretas.

O mercado digital também está abrindo um enorme nicho para os artistas. Com esse avanço, os trabalhos estão sendo disponibilizados sem precisar de editoras para publicação das obras. A internet ajuda bastante a divulgar, mas o principal ainda continua sendo o talento. A qualidade é o que manterá o artista em evidência e que abrirá espaço para publicações a nível nacional em alguma editora.

Os encartes engrandecem o **QI**. Guardo todos com muito carinho. O Daniel nos presenteou com um texto ágil, inteligente e de grande conteúdo. O Rod, como sempre, continua impecável em suas pesquisas. Parabéns!

JOSÉ AZEVEDO E MENEZES
azevmen@hotmail.com

Envio-lhe notícia do falecimento e biografia de José Pires, a quem fiz uma entrevista, publicada no **Quadrinhos...**

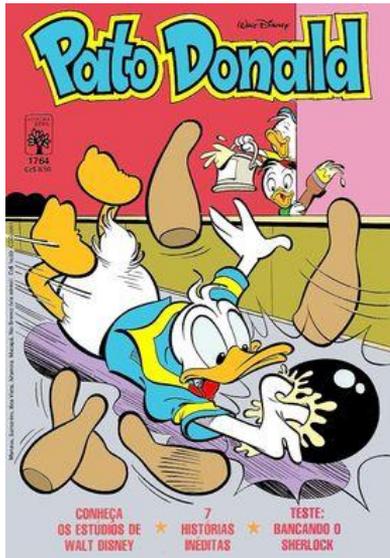
<https://largodoscorreios.wordpress.com/>

Senti muito saber do falecimento de José Pires. Imaginava que estivesse doente pois há alguns meses não tive mais notícias dele e de suas edições. O texto que saiu no Largodoscorreios é seu? Posso reproduzi-lo em meu fanzine, como homenagem a José Pires? Além do texto, você fez uma entrevista com ele?

O texto não é meu, é de Antônio Martinó Azevedo Coutinho. Conhecendo-o como eu conheço, tenho a certeza de que ele terá o maior gosto em que o divulgue. Mas se quiser contactá-lo, aqui vai: a.martino@sapo.pt. Quanto à minha entrevista, claro que o poderá fazer, está na pág. 235 de **Os Quadrinhos de Müller, 52-82**.

Valeu por mais um **QI**. Conferi o material, muito bom como sempre, e aproveite pra compartilhar contigo uma observação sobre um pequeno detalhe no encarte do Daniel Saks. Chamou bastante minha atenção uma das capas que ele reproduziu ao longo do texto. Da edição 1764 da revista **Pato Donald**, de 1986, da editora Abril. Essa capa é um ótimo exemplo de uma história contada em apenas uma imagem. Observando o fundo, podemos deduzir que os sobrinhos do Donald passaram cola na bola de boliche, que, ao jogá-la, saiu voando com ela e acertou os pinos. Ou seja, uma cena que poderia ser contada em vários quadros, foi engenhosamente condensada em uma só imagem. Acabou sendo uma ótima HQ de apenas um quadro.

Bou observação sobre a capa de "Pato Donald". Se procurarmos nas capas de revistas Disney, acho que vamos encontrar mais exemplos desse tipo de solução, uma imagem com o defecho em primeiro plano e as causas mostradas no plano de fundo. É um recurso muito interessante.



RODINÉRIO DA ROSArodinério@gmail.com

O **QI** marcou minha trajetória, porque você já tinha conhecimento e informação bem mais que a maioria da garotada. E que marco! É o único fanzine que se mantém. Desde os anos 80, se não falha a memória.

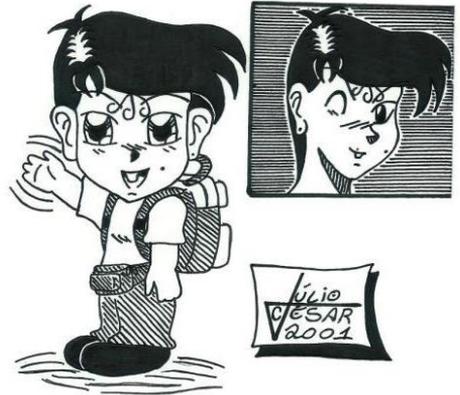
Brett 2 vai ser impresso independente de atingir a meta, pois sempre alcança valor de impressão, recompensas e envios. A ideia da meta mais alta é pra pagar razoavelmente o desenhista. Sabemos que desenhar 60 páginas não é fácil.

Bom retomar este contato que me traz boas recordações de quando éramos sonhadores e visionários. E acredito que ainda somos, ou você não estaria fazendo o **QI** e nem eu insistindo em publicar HQ.

Se interessar, tenho uma HQ que nunca publiquei de 4 páginas. É material antigo. Escaneio, te mando e você decide se vale a pena ser impressa ou não.

Rodinério, estou retomando a edição do "Psiu", em formato digital, e nele há espaço para HQs maiores e mesmo coloridas. Pode enviar sua HQ que ela entra no próximo número.

Recebi os **QIs!!!** Que sensação maravilhosa voltar a ter esse zine em mãos. E vou escanear a minha HQ para te enviar para o **Psiu**.

Colaboração de **Julie Albuquerque**.

JERRY A. SOUZAjerry@pzo.com.br

Achei incrível o carimbo de 09 ABR 2022... quando na verdade deveria ser 09 JUN 2022. Deve ter sido obra do estagiário dos correios, proveniente da geração Y ou Milenium.

Aproveito para divulgar o lançamento da edição comemorativa alusiva aos 30 anos do **Fanzine Profecia**, que será distribuída na FIQ BH entre 5 e 7 de agosto de 2022 (teremos uma mesa juntamente com Denilson Reis do **Tchê**, porém eu estarei apenas dos dias 5, 6 e 7, quando entrego a edição em mãos pois muitos leitores estarão presentes). Nos dias anteriores estará na mesa o grande colaborador e parte do grupo "Profeciaticomics", Chris Chaves.

Aproveito também para quem ainda não tiver realizado o cadastro no site, pode fazê-lo e receber no endereço cada edição do **Fanzine Profecia** e da **Savage Worlds**.

Muito esquisito o erro com a data do carimbo do Correio. A primeira coisa que o funcionário deve fazer todo dia no início do expediente é atualizar a data dos carimbos. Caso ele tivesse esquecido de fazer isso, o erro seria carimbar 08 JUN 2022. O que aquele ABR foi fazer lá, é difícil de entender.



As cenas eróticas são tão explícitas que fazem o visitante corar na ambiciosa exposição sobre arte e erotismo na antiga cidade romana de Pompeia, no sul da Itália, repleta de esculturas e pinturas de seios, nádegas e falos. Das estátuas nuas que adornavam os jardins às pinturas eróticas que decoravam as paredes dos quartos, os habitantes da cidade, soterrada pela erupção do Vesúvio no ano de 79, viviam em um cenário que desperta admiração e curiosidade entre os arqueólogos e visitantes.

Sob o tema 'Arte e sensualidade nas residências de Pompeia', 70 objetos, esculturas e afrescos de residências particulares, termas, espaços públicos ou tavernas de vinte séculos. Nas primeiras escavações, realizadas no século XVIII, Pompeia revelou-se uma cidade onde reinavam a sensualidade e o erotismo, que era um tema onipresente. Desde que começaram as descobertas, esse tema gerou vergonha e perplexidade, mas também curiosidade, então o rei de Nápoles, que financiava as escavações, mandou guardar a sete chaves, em lugar secreto, os objetos mais obscenos, como eram chamados então.

Um homem com enorme pênis ereto surpreende o visitante que entra na exposição. É a estátua do deus Priapo, que curiosamente não tinha nenhuma conotação erótica para os romanos, pois simbolizava fertilidade e prosperidade. Costumava ser colocado na entrada das residências romanas, como símbolo de bom augúrio. Ela recebe os visitantes da exposição e de alguma forma os avisa que nem sempre representa eros, mesmo que a imaginação moderna atribua esse significado. As reações constrangedoras e sorrisos velados de alguns turistas diante do falo anômalo mostram que o assunto ainda é tabu para alguns. Em frente às pinturas que adornam as paredes de um quarto, decorações de um ciclo de imagens eróticas explícitas, incluindo a de um homem e uma mulher fazendo amor. É possível que seja uma referência à abundante literatura erótica que floresceu na época.

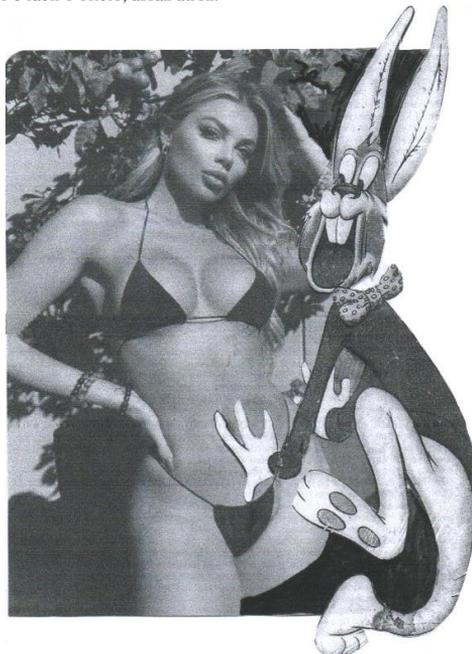
Uma série de lamparinas a óleo decoradas revela belas decorações travessas que mostram Narciso, um caçador de grande beleza que se apaixonou pela própria imagem; Dionísio deus da videira, do vinho e seus excessos; Hermafrodita fruto do amor dos deuses Hermes e Afrodite, com órgãos sexuais masculino e feminino. Uma forma divertida de conhecer figuras dos mitos gregos presentes em Pompeia.

Enquanto isso, aqui em Pindorama a burguesia inaugura a Cidade Matarazzo, complexo mobiliário de ultra luxo em São Paulo. Compreende torres corporativas e de apartamentos de luxo, um shopping com 70 lojas de marcas estrangeiras inéditas e o hotel Rosewood, de seis estrelas, com diárias de R\$ 7.500,00. No bar do hotel, uma garrafa de whisky The Macallan não sai por menos de R\$ 13.000,00, e o petisco de caviar com blinis e chantilly de vodka, com 120 gramas, custa módicos R\$ 4.600,00. Deve custar os olhos da cara o filé-mignon encimado por um escalope de foie gras grelhado na manteiga e lâminas finíssimas de trufas negras. Para isso, patos e gansos são confinados com três meses de vida e duas vezes por dia uma ração à base de amido de milho e gordura de porco lhos é injetada goela abaixo por meio de um tubo de metal que chega ao estômago. O processo leva o fígado a crescer até doze vezes acima de seu tamanho normal, podendo alcançar meio quilo nos patos e 2 quilos nos gansos.

Grande parte desses públicos são os que gozam de isenção de tributação sobre a renda oriunda de lucros e dividendos. Detalhe: o parque dos ricos foi construído onde antes havia a maternidade de condessa Matarazzo com mais de 700 mil partos realizados e o hospital Matarazzo, que tinha um sugestivo slogan: "Saúde dos ricos para os pobres". Pois é, a vida não é para amadores. Não tem pandemia certa, nem fome, pior *débacle* da terra! Que passem por bem longe os moralistas, puristas, preconceituosos, pessimistas e pobres. Por fa-vor! Guerra na Ucrânia, homessa! Ora, ora! A precariedade do mundo começa justamente nos labirintos sociais, palácios, haréns, oráculos e templos! Aliás, famílias importantes brasileiras surgiram da sacristia e senzala. Não sou eu quem digo, está lá em **Casa Grande & Senzala**, de Gilberto Freyre.

Pois é assim o mundo, real, duro, seco. E se alguém se declara ter aprendido tratar a todos igualmente, está afirmando não entender muito de socialização, ou contenta-se com pouco. Pode até dizer, mas não consegue fazer isso com sucesso porque nós seres humanos não somos objetivos e temos necessidades diferentes e distintas relações, além de que o nosso cérebro não funciona do jeito como processamos informações a respeito dos outros.

A prática de nossas vidas é mais poderosa do que as palavras que dizemos. As relações desiguais de poder não podem ser desafiadas se não forem reconhecidas. Outrossim, num mundo ideal, aprenderíamos a reconhecer e a desafiar o preconceito, jamais a negá-lo. Tudo é humanista, muito embora sem a satisfação suficiente de grande parte. Vejamos que a jangada em sua simplicidade é perfeita, não afunda, pode passar um tsunami que ela flutua. Já o Titanic, maior transatlântico, o mais perfeito, afundou em 1912. O filme nos mostrou. Como dizia Péricles: "Terra e mar não podem limitar a nossa coragem: em toda parte erigimos a nós mesmos". Vivemos entre o Tigre e o Eufrates das nossas vidas, confuso estuário aonde se ignoram os princípios e se desconhecem limites e freios. Pois, pois. Não é fácil o ofício, assaz atroz.



Fanzine Tchê 45

TROFÉU ANGELO AGOSTINI

AQC

tchê

125

48

TAM-TOR

PERIGO REAL E IMEDIATO!

Finalista do 38º Troféu Angelo Agostini

Divulgação enviada por Denilson Rosa dos Reis.

Caro amigo, abraço, com saúde.

Recebi o ansiado **QI** 176 que muito agradeço. Adiantado, e por este andar, o bi-mensário de repente passa a mensal. Para nossa satisfação e azáfama do diretor.

Mais uma SURPRESA na capa, sempre original, desta vez num desdobrar para baixo para se encontrar a personagem escondida. O que irá o autor descobrir para o próximo número? Neste momento, se calhar, nem ele sabe ainda.

Um número adiantado e em pleno: 5 encartes, cinco. Nós, os privilegiados da edição em papel, temos três. Não me vou demorar na apreciação do conteúdo do número, que continua a ser excelente, mas quero destacar o encarte 3 com 'Reações das Editoras Brasileiras de Quadrinhos frente aos Cenários de Instabilidade Econômica', de Daniel de Castro Oliveira Saks. Uma análise muito boa e séria. Mostra bem como os mercados se comportam em relação às crises, e como o público leitor/comprador vai reagindo aos movimentos surgidos.

Eu tenho uma opinião muito pessoal sobre os mercados, que vale só por isso. Trabalhei numa grande editora, a ASA, no seu melhor período, nos anos 1980, que controlava o êxito das suas edições. Estávamos também em anos de "crise". Nessa altura a editora mantinha o lugar primeiro, em Portugal, do Livro Escolar, que era obrigatório; um grande negócio abrangia também as livrarias e postos de venda. Dessa maneira a editora "exigia" dos livreiros que dessem destaque aos seus livros sobre outras áreas como os Quadrinhos. Recendo que se não o fizessem lhes negassem a distribuição da parte rendosa da questão punham exemplares na montra, com visibilidade, o que disparava o consumo, e recebiam "prêmios" se alcançassem um número superior de vendas.

E conseguiam vendas no mínimo de 5000 exemplares, com várias reedições. O mercado era espetivado e reagia. O diretor era de opinião de que primeiro se devia criar a oferta para que o público aderisse depois. E funcionava. Por isso a minha opinião. Mas o nosso meio é relativamente pequeno.

Voltando ao **QI** miolo, não quero deixar de exprimir o meu apreço pelas rubricas 'Maria' com o seu humor cáustico e a sua quase homônima 'Maraiiah' com os curto-circuitos, e do excelente 'Fórum', claro.

Tudo de bom. Muita força, muito talento e capacidade para continuar a inventar.

Bom que o "QI" 176 tenha chegado sem atraso e que tenha gostado da edição e encartes.

Ótimo seu depoimento sobre o tempo que trabalhou na editora ASA. Interessante a opinião do editor sobre primeiro criar a oferta. Você disse que funcionava e eu acredito, mas talvez a situação da ASA fosse privilegiada com uma espécie de monopólio (ou quase) e isso lhe dava força para colocar um produto à venda e "pressionar" (através da exposição mais agressiva) o leitor a comprar.

Essa pressão de uma editora maior sobre as bancas aconteceu no Brasil na época do auge da editora Abril, que era dona da maior distribuidora do país, a Dinap, e que atendia a muitas outras editoras. Diziam na época que o jornalista que não desse maior exposição às revistas da Abril, em detrimento das outras editoras, não receberia a "Veja", que era a revista mais vendida, que dava bom lucro ao jornalista e era da Abril.

Também diziam que muitas vezes a Dinap pegava para distribuir alguma revista de editora pequena e não fazia o serviço. Quando a editora ia buscar o encalhe, via que os pacotes com as revistas nem tinham sido abertos.

Em algum lugar aí mais para frente colocarei um pequeno texto sobre a editora D-Arte, com algumas informações que obtive e testemunhei na época.

Eu me lembro de um desenho animado a que assisti inumeráveis vezes em minha infância. Um lobo cowboy justificava sua maldade sobre os fracos e oprimidos com a frase: "Sinto muito, mas é a Leeeeeeee do Oeste".

Um leitor acabou de me informar do José Menezes, que lástima. Vamos perder um membro valioso do 'Fórum'! Que fique o legado e a obra. Hoje o amigo Laudo Ferreira trouxe a boa notícia da indicação da editora com os títulos **Calafrio** e **Mestres do Troféu** para o Troféu Jayme Cortez de Contribuição ao Quadrinho Nacional. Além desse fato maravilhoso, para a mesma categoria eu no papel de editor estou indicado pelo programa **TVCalafrio**, o qual colaborei com o leitor e amigo Cássio Witt no seu Canal **Milhas e Milhas**. Nas demais categorias, vale ressaltar a presença dos ilustres e valiosos colaboradores da editora, Lillo Parra (melhor roteirista); Júlio Shimamoto, Flávio Soares e Marcel Bartholo (melhor desenhista); Flávio Soares, Laudo Ferreira e Rafa Campos Rocha pelos seus lançamentos; o Flávio concorre também como colorista.

É uma honra estar participando da premiação e esse reconhecimento se deve à contribuição de todos, artistas, lojistas, colaboradores, críticos, divulgadores, amigos e leitores. A honra ainda aumenta ao se ver o peso dos demais indicados, são muito qualificados. Agora é votar e torcer! Segue o link para quem se interessar em participar da votação.

<https://aqc-sp.com.br/2022/07/13/votacao-do-380-trofeu-angelo-agostini/>

Chegou bem a novíssima edição do seu **QI**, agora já no número 176. Confesso que ainda estou meio atônito desde que você me deu a grande honra de participar da capa da edição 174, mas a cada produção você só nos assegura que os seus esforços junto à sua criatividade, compromisso e talento sempre vão entregar grandes obras para esse "universo", o que se reflete também nos encartes que incentiva/produz e, agora, com o número 4 de **PSIU**, outra referência do mundo dos zines que todos deveriam conhecer. Eu guardo até hoje todas as edições com muito carinho, só não o especial **ECO**, que participei, pois perdi junto com outros livros e gibis com um triste vazamento que teve em meu apartamento tempos atrás... insolúvel até hoje. Bom, parabéns por essa retomada!

Os colaboradores também continuam arrasando e devem ser valorizados, a exemplo do Henrique Magalhães, Mário Labate, Alex Sampaio, Figueiredo, Carim, Cosme, Julie, Lio, entre tantos outros que deixam a edição mais plural e significativa, com um aplauso a mais para o Worney que é sempre pertinente e afortunado nas informações e curiosidades que oferece em suas páginas. Bravo! Acho que o 'Fórum' pode ser um pouco mais apimentado com os debates cruzados, talvez. Se todos tiverem um tempinho para ler a maioria das cartas pode ver que tem conexões que merecem opiniões a mais, mesmo que as contribuições só cheguem nas próximas edições. Vi com bom espanto, por exemplo, a missiva da Fabiana Menassi, que menciona a sua apresentação no evento do Douglas (Ugra Press), no Centro Cultural São Paulo anos atrás que, por acaso, eu também consegui comparecer e te cumprimentar, vendo que estavam também presentes o Henrique Magalhães, Gazy Andraus e outros fanzineiros amigos. Lembro até que alguém mencionou pra nós (ou pra mim, não sei...) que os fanzines e publicações alternativas não iriam se render à internet, questão que já ponderava há tempos. O meio digital, então, só cresceu e vemos que muitos editores alternativos só conseguem distribuir suas publicações pela web, mas isso não significa que as fotocópias e outras experiências gráficas findaram. Existem até certos fanzineiros, acredito, que não desistem do xerox e seguem firmes nas suas caminhadas mensais aos correios. Creio que tudo pode ser adaptável se a verdade for preservada e não ditarmos nossos caminhos pautados por preconceitos ou outras razões efêmeras. O impresso é minha preferência e foco maior, mas também tenho dedicado parte do meu tempo com edições digitais, fazendo o zine **DEZIRO**, com o belo apoio da Editora Marca de Fantasia, cujo portal também sustenta todos os arquivos do **QI** e de tantos outros editores/autores. É um registro louvável e a difusão acontece, o que é sempre importante. Continue sonhando!!!

ANTÓNIO MARTINÓ AZEVEDO COUTINHO

a.martino@sapo.pt

António, como vai? Fiquei sabendo da triste notícia do falecimento de José Pires, com quem mantinha contato há vários anos e de quem adquiri todas as publicações. Vi seu artigo sobre José Pires no sítio "Largo dos Correios". Gostaria de lhe pedir permissão para reproduzir este artigo num fanzine que publico aqui no Brasil, como uma homenagem ao José Pires.

Embora não o conheça pessoalmente, não me é estranho porque sei de há muito de sua estreita colaboração com um excelente amigo comum, Carlos Gonçalves.

Naturalmente, a morte de José Pires é motivo de grande tristeza. Trabalhei bastante com ele nos últimos anos, quanto a magníficas edições, melhoradas, de obras de ETC e, por fim, de Caprioli. A saúde dele foi-se degradando ao ponto deste triste desenlace, que priva a nossa causa comum dos quadradinhos duma personalidade de grande valia.

Como calcula, sinto-me honrado com a divulgação do meu texto, que se propõe fazer. Tudo que possa homenagear José Pires nunca será demais.

O texto de Antonio Martinó e a entrevista feita a José Azevedo de Menezes estão no encarte sobre José Pires que acompanha este "QI". Mais uma vez, agradeço por cederem seus trabalhos.

JOSÉ AZEVEDO E MENEZES

azevmen@hotmail.com

Vejo que o seu interesse pelos quadradinhos portugueses está muito relacionado com o seu gosto pelos franco-belgas, que eu partilho, com o seu maior expoente em Hergé e Jacobs. Também fiquei a saber que é colecionador. Mando-lhe a minha lista de colecções completas, como curiosidade. Se quiser mandar-me a sua lista de faltas, talvez eu lhe consiga arranjar algumas (cada vez mais raras e caras, mas ainda vão aparecendo... há dias consegui adquirir os 350 números do **ABCzinho** - 2ª série). E mando também imagens de minha galeria de originais (ainda falta emoldurar muitos), em que figuram dois ilustradores que viveram muito tempo no Brasil: Arcindo Madeira e Jayme Cortez. Está instalada num quarto da minha casa de Celorico de Basto (distrito de Braga, a 15 Km da lindíssima Amarante, região do vinho verde), onde tenho os meus livros.



Foto enviada por José Menezes. Em primeiro plano, José Pires, atrás, em pé, Carlos Gonçalves e José Ruy.



Original de Maurício de Sousa dado a José Menezes.

Parabéns pela sua longevidade, incrível. A descoberta do Zé Carioca (no **Mirim**) foi um achado, me passou batido completamente.

Sobre o periódico catarinense **O Moleque** (tratado por Rod Tigre em seu encarte), fiz uma postagem sobre o assunto no meu blogue **HQ Retrô** em 2017.

“O Estado de Santa Catarina é esquecido em todas as compilações nacionais que tratam de revistas ilustradas, caricaturas, HQs, etc. Mas isso tem sido corrigido, graças ao excelente trabalho do pessoal da Hemeroteca Digital Catarinense. Há pelo menos três revistas de lá em que existe a ocorrência de histórias sequenciais desenhadas. A primeira é em **O Moleque**, com redação de Cruz e Souza, de 1885.”

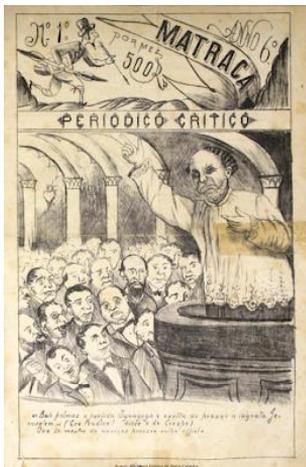
“Para fechar a conta, segue um exemplo claríssimo do uso de balões em plena Santa Catarina o ano de 1885 (onze anos antes dos balões serem inventados na América do Norte). A arte era por conta de Rodolpho.”



Arquivo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Mais uma postagem sobre revista catarinense.

“Em 3 de janeiro de 1886 surge mais uma revista ilustrada em Desterro (capital da província de Santa Catarina). Chamava-se **Matraca**. Joaquim Margarida era o cara que tocava o barco, digo, o buril.”



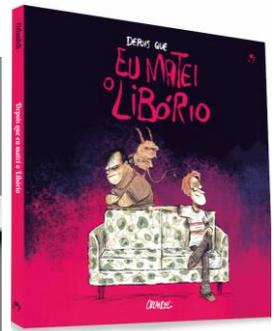
“Na época corria uma eleição onde o Presidente da Província de Santa Catarina, o político Francisco José da Rocha estava às turras com alguns dissidentes. Fato que engendrou esta divertida HQ meio que psicótica satirizando o Sr. Rocha (que já via seu inimigo em todos os lugares).”



Há dois lançamentos interessantes no Catarse.

Olhe só o que o autor (do primeiro) diz:

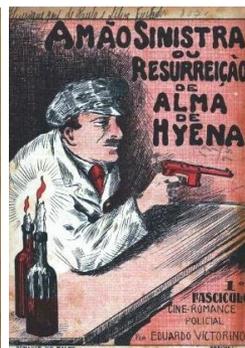
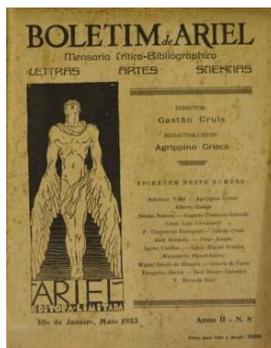
“Eu e muitos outros artistas fomos vítimas de um golpe internacional de um projeto de quadrinhos fictício que envolvia grandes editoras, figuras consagradas do mundo da moda, escrita por uma brilhante promissora escritora americana e encabeçada por um dos grandes roteiristas dos quadrinhos mainstream.”



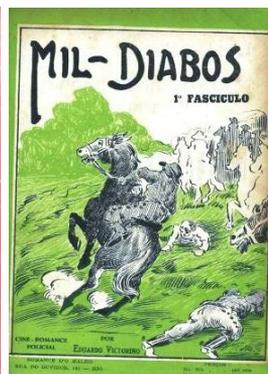
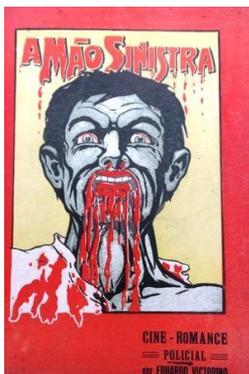
Edgard, agradeço pela publicação da HQ de minha versão super-herói do Boi Bumbá no **PSIU**. Estou encerrando minha produção com HQs, sejam roteiros ou pesquisa. Agradeço todos que acompanharam meu trabalho.

Meus livros estão disponíveis temporariamente no blogue <https://rodtigremania.blogspot.com/> que será apagado. Caso seja do interesse pode postar meus livros no site **Marca de Fantasia**, porque, caso contrário, serão retirados para sempre da internet.

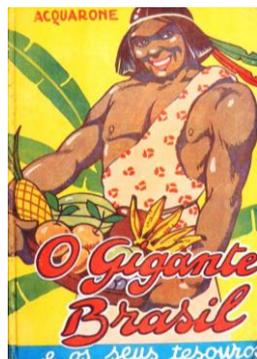
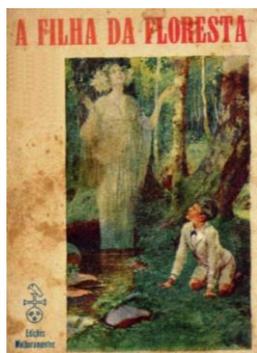
Pra encerrar vou esclarecer qual foi, de fato, o primeiro personagem da literatura infantil no Brasil. Em todas as pesquisas que eu vi creditam o pioneirismo para a boneca Emília, de Monteiro Lobato, que fez sua estreia em 1921 no livro **A Menina do Narizinho Arrebitado**. Em 1919, Thales C. de Andrade publica pela primeira vez **A Filha da Floresta**, esta sim, poderia ser considerada a primeira, mas o primeiro personagem infantil de nossa literatura foi publicado no século XIX, de autoria daquela que pode ser considerada nossa primeira autora infantil e também pioneira na divulgação do feminismo, a escritora Júlia Lopes de Almeida, publicado em formato de conto nas edições de 27 e 28 de fevereiro de 1897 do jornal **O Paiz** e no livro **Histórias de Nossa Terra**, publicado pela primeira vez em 1911. Em 1946, o conto inspirou Francisco Acquarone que publica **O Gigante Brasil e os seus Tesouros**. Uma das primeiras personagens infantis da nossa literatura sempre renegada é **A Fada Higia**, de 1925, talvez por ter sido criação de Renato Kehl, muito amigo de Lobato e “pai” da eugenia no Brasil.



Na série “influências da Garra Cinzenta”, achei um folhetim brasileiro de 1923 chamado **A Mão Sinistra ou Ressurreição de Alma de Hyena**, de Eduardo Victorino, que já mistura suspense e terror, e posteriormente foi republicado em livro. Eduardo também publicava outros fascículos como **Mil-Diabos**, mais um nome a ser investigado pois pode ter criado possivelmente o primeiro detetive brasileiro dos contos.



Pra encerrar com chave de ouro, vou comentar sobre um personagem muito importante da arte gráfica brasileira que eu também nunca vi ninguém falar antes e que merece muito uma pesquisa mais aprofundada. Quem me mostrou esse personagem foi o finado Athos Eichler, o mais importante pesquisador do quadrinho nacional que já tivemos! Ele chama **BRASIL** (na época **BRAZIL**) e foi criado para substituir os antigos personagens que eram usados antes pelos caricaturistas para retratar o Brasil em suas charges e exposições.

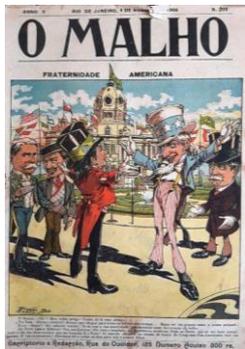


Encontrei dois gibis próprios de Peteleco, personagem de Max Yantok que eu sei que apareceu na Ebal na década de 1960, mas essas edições são bem mais antigas. Não consegui localizar a data. Na edição da Ebal o Peteleco é tipo um robzinho de mola, não sei se é igual nesses gibis antigos, só achei as capas.

O **Boletim de Ariel** foi um periódico literário editado entre 1931 e 1939 que revelou Jorge Amado e trazia em sua capa uma imagem ilustrada de um anjo que lembra os heróis das HQs.

ZALLA E D-ARTE

Nos tempos do Império era usado um índio chamado Sr. Brasil, mas no início da República ele tinha sido substituído pelo Zé Povo, que já mostrava um Brasil judiado, representado por um maltrapilho inspirado no Zé Povinho, criado por Raphael Bordallo para satirizar os portugueses. O Zé Povo inspiraria Monteiro Lobato ao criar o Jeca Tatú (1914), e depois Lobato criaria Zé Brasil, uma espécie de versão subversiva do Jeca Tatú, defensor da reforma agrária, considerado seu último personagem. Em 1906, o desenhista J. Ramos Lobão começou a fazer uma versão mais elegante do Brasil, mas numa campanha iniciada em 1910 para dar ao Brasil um ar mais nobre e heroico, a escolhida foi a versão de J. Carlos, que depois foi continuada por muitos autores diferentes por quase 50 anos. O personagem aparecia várias vezes na capa de **O Malho**, **Fon-Fon** e **Careta**, muitas delas demonstrando poderes sobre-humanos, em charges e exposições, mas desconheço se alguma vez apareceu em uma HQ.



Com essas dicas eu encerro minha participação no **QI**, e esse personagem Brasil merece uma pesquisa muito mais apurada, pois foi o símbolo nacional por décadas. Um forte abraço para você, meu mano Edgard, agradeço por tudo, por publicar minhas cartas e meus textos e adeus a todos os meus leitores e amigos.



A propósito do artigo de Daniel Saks no encarte oferecido com o **QI** passado, em que fala sobre a editora D-Arte e os problemas que teve com as crises econômicas, e as opiniões de José Ruy, sobre as estratégias editoriais da editora ASA, publicadas neste número, vou fazer alguns comentários sobre Rodolfo Zalla e a editora D-Arte.

Em uma das vezes em que tive oportunidade de conversar com Rodolfo Zalla, em eventos sobre quadrinhos em São Paulo, perguntei a ele por que não lançava outros títulos. Imaginava eu que material não faltava, tanto de novos autores interessados em divulgar seus trabalhos, como de histórias antigas, já publicadas, mas desconhecidas dos novos leitores. Os compradores de **Calafrio** e **Mestres do Terror** certamente não deixariam de comprar novos lançamentos na mesma linha. A resposta de Zalla foi inusitada para mim. Ele imprimia as suas revistas na gráfica da editora Ibepe, uma editora de material didático para quem Zalla (e também Colonnese) já havia trabalhado. Inclusive tendo participado de uma experiência inédita no Brasil (e no mundo?): um livro didático de História, para adoção no ensino regular, totalmente feito em quadrinhos. A iniciativa foi do professor Julierme de Abreu e Castro, que contou com Zalla e Colonnese na empreitada. A colaboração de Zalla com a editora Ibepe foi longa e com isso ele conseguiu regalias junto à gráfica para imprimir suas revistas. Segundo Zalla, as revistas só eram viáveis se impressas na gráfica da Ibepe pelo preço muito baixo que ela lhe fazia. Só havia um problema. A gráfica limitava a quantidade de impressão que fazia a ele. Zalla não podia aumentar o número de títulos pois a gráfica não iria imprimir. E procurar outra gráfica não compensava. No início das atividades da D-Arte, as revistas chegaram a quase ser mensais. Mas paulatinamente os períodos entre um número e o seguinte foram aumentando, até ficar praticamente quadrimestral. Conjecturo que uma das causas disso tenha sido a gráfica que tornou-se mais restritiva em relação à quantidade de edições que imprimiria por ano.

Mas houve um outro motivo para que as atividades da D-Arte fossem ficando cada vez mais inviáveis. A distribuição das revistas da D-Arte era feita pela Dinap, empresa do grupo editorial Abril. A editora Abril tinha um leque grande de publicações de revistas de quadrinhos, as principais na linha infantil Disney, seguidas da linha de super-heróis Marvel e DC. Mas a Abril não publicava nada no gênero terror, então as revistas da D-Arte não representavam concorrência. Não havia nenhum problema em a Dinap fazer a distribuição desse material na tiragem que tivesse. Mas o surgimento de linhas mais adultas na DC, principalmente com a linha Vertigo, fez com que a Abril se enveredasse por esse gênero. Materiais mais adultos começaram a sair em meados da década de 1980, mas ainda muito ligados ao tema dos super-heróis. Uma das séries emblemáticas da linha Vertigo era **Monstro do Pântano**, cuja fase escrita por Alan Moore já estava saindo nas revistas de linha de super-heróis. Mas foi em janeiro de 1990 que a Abril lançou a revista **Monstro do Pântano**. Agora, sim, a Abril tinha uma revista de terror nas bancas e as revistas da D-Arte representavam um concorrente.

Vamos ao fato. Nessa época, a banca de revistas de que eu era cliente, na cidade de São José dos Campos, passou a receber somente UM exemplar de **Calafrio** e **Mestres do Terror**. Nesse início, cheguei a perder alguns exemplares, pois algum comprador ocasional chegou primeiro. Ao tomar conhecimento de meu interesse nas revistas, e como eu fazia compras de vários títulos, o jornaleiro passou a guardar o exemplar que recebia para mim. Ou seja, nem colocava na prateleira. Assim, naquela banca, para os demais compradores, a revista deixou de existir. Teoricamente o distribuidor avalia mês a mês as vendas de cada revista em cada banca de modo a otimizar a distribuição. O critério é enviar um ou dois exemplares a mais do que foi vendido no último mês. Se a revista vende esses exemplares extras, no mês seguinte a banca recebe mais exemplares. E vice-versa. No caso das revistas da D-Arte, o critério foi ignorado. A banca sempre recebia UM exemplar mesmo tendo vendido o exemplar no mês anterior. Quanto houve de queda na venda da D-Arte com essa atitude da Abril/Dinap? Não foi só a situação econômica do país que acabou com a editora D-Arte. **Edgard Guimarães**.

FUÇANDO À TOA

O nº 1234 do **Suplemento Juvenil**, de 24 de setembro de 1942, trouxe a seguinte notícia.

“Após um longo trabalho da Comissão Julgadora do grande concurso de Histórias em Quadrinhos tendo por tema ‘A Vida de Caxias’, podemos hoje dar o resultado final dessa prova de habilidade no desenho que alcançou tanto êxito entre os artistas juvenis do Brasil inteiro. Foi-nos fácil separar, logo de início, os trabalhos mais fracos, que não apresentavam um índice mínimo de perfeição exigido na sua classificação. Na seleção final, porém, ficamos embaraçados, isso porque havia dois trabalhos com os mesmos predicados, embora de estilos inteiramente diversos e escolas bem diferentes.”

“Referimo-nos às histórias enviadas por Antônio Euzébio Neto e Hélio Guimarães Cardoni. Como o regulamento do concurso não previa o empate, solicitamos o comparecimento de ambos os concorrentes à nossa redação, com a maior brevidade. Nessa ocasião, para que tenhamos uma prova do valor real dos concorrentes, e não haja dúvidas a respeito da autenticidade dos desenhos, daremos a cada um, separadamente, um novo trabalho, que será executado em nossa redação. Finda a prova, verificaremos quem realmente merece os cobiçados quinhentos mil réis oferecidos ao primeiro colocado.”



Antônio Euzébio Neto, nasceu a 13 de junho de 1925, no Distrito Federal. Tem, portanto, apenas, 17 anos. Frequentou a Escola Primária e achava-se, quando concorreu ao nosso concurso, trabalhando num escritório desta capital. Não tem curso de desenho e apenas “rabiscava” em casa. Fez-se por si mesmo, graças ao seu talento e à sua perseverança. Hoje faz parte do Departamento Artístico do Suplemento Juvenil



Hélio Guimarães Cardoni nasceu a 12 de junho de 1924, também no Distrito Federal. Está cursando o 3.º ano ginásial. Desenhava também para si mesmo, não tendo tomado parte em qualquer dos concursos anteriores promovido pelo Suplemento Juvenil. Aparecia de vez em vez na redação, com uma “história em quadrinhos”... Mas não desanimou e hoje também é um dos nossos elementos.

O nº 1246 do **Suplemento Juvenil**, de 22 de outubro de 1942, trouxe o desfecho da contenda.

“Temos a satisfação de anunciar que ambos os concorrentes satisfizeram plenamente às provas a que foram submetidos, revelando-se como autênticos “ases” juvenis do desenho, obrigando-nos a dividir o prêmio, para não cometermos uma injustiça. Dessa maneira, os quinhentos mil réis que constituíam o primeiro prêmio do Concurso de Histórias em Quadrinhos sobre ‘A Vida de Caxias’ serão divididos entre Antônio Euzébio Neto e Hélio Guimarães Cardoni.”

“Outra boa notícia temos para os nossos leitores: ambos os concorrentes premiados já estão trabalhando em nosso Departamento Artístico, ao lado de Fernando Dias da Silva e Celso Barroso, vencedores dos dois primeiros concursos de histórias em quadrinhos promovidos pelo Órgão Oficial da Juventude Brasileira.”

“**Suplemento Juvenil**, com esse novo acontecimento, prova mais uma vez que dedica toda a sua atenção à Juventude, procurando revelar os seus valores e destacando aqueles que, de outra maneira, ficariam sempre esquecidos e ignorados. Nosso jornal, que desde os seus primeiros números acolheu com carinho os leitores, dando-lhes a sua diretriz, tirando deles o melhor que tinham a dar, continua seguindo a mesma orientação. Temos um enorme orgulho de apresentar uma redação e um Departamento Artístico composto apenas de jovens de 16 a 22 anos, que fazem o seu jornal e podem competir, nos setores de suas atividades, com muitos elementos de mais idade e mais experiência.”

ZINEHOUSE

**Acervo de Fanzines,
Aúdiозines e Videozines**
Colaborações :
Cx. Postal - 22
01031-970 SP / SP

Divulgações enviadas por Denilson Rosa dos Reis.

23 24 25 26 27 28 29 30 31 32

Uma grande lição de vida e cheia de lembranças para nós que já temos uma certa idade.

CAMILO SOLANO
CASCÃO TEMPORAL

@CAMILO.SOLANO
@SIDNEY_GUSMAN

JOSIAS SILVEIRA
Self
Olho por Olho

Uma HQ inspirada num drama pessoal do artista, levada de forma muito interessante para o universo fantasioso.

@JOSIAS.ARTE

Lançamento

Feminizine
Junho/2022
Produção de fanzines na sala de aula.
São 20 pág, xerox e formato A5. R\$ 10 + frete.
Versão digital gratuita.
Solicite pelo e-mail: tchedenilson@gmail.com

Fanzines na Educação
Uma prática construtiva

Catálogo 2022.1 Tchezine

R\$ 10	R\$ 10	R\$ 5	R\$ 5	Gratis

Além do valor de capa, acrescentar o frete. Todas edições estão disponíveis em PDF gratuitamente e são distribuídas via e-mail conforme solicitação dos leitores.

Tchezinho

tchedenilson@gmail.com • @tchezine

Lançamento

Essência Poética
Maio/2022
Fanzine com uma mescla de poesias e ilustrações.
São 8 pág, xerox e formato A6. R\$ 5 + frete.
Versão digital gratuita.
Solicite pelo e-mail: tchedenilson@gmail.com

O roteirista e cineasta Rodinério da Rosa desengavetou seu projeto de quadrinhos na linha do faroeste.

Brett
A HISTÓRIA DE BRET
QUANDO MARCOS
VOU PARA O SILVÉ

RODINÉRIO DA ROSA
@RODINERIO_DA_ROSA

MASSACRE EM UTAH

EDIÇÕES INDEPENDENTES

QUADRINHOS

BRUSCÃO NO BRASILEIRÃO * edição dedicada ao *Brusque Futebol Clube* * jul/2022 * 16 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

CALAFRIO * HQs de *Eduardo Cardenas, Paul Talbot, Gian Danton e Rubens Lima, Guto Dias, André Bozzetto Jr. e João Ferreira, Sidemar e Ivan Lima, textos, etc.* * nº 76 * jun/2021 * 52 pág. * 200x280mm * capa color. * R\$ 29,00 * **Daniel Saks** – R. Ademar de Barros, 1000/61 – Indaiatuba – SP – 13330-130 – revistacalafrio@gmail.com.

CARTUM * HQs, tiras, cartuns de *Aldo* * nº 158 * jun/2022 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 130,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.



CARTUM * HQs, tiras, cartuns de *Aldo* * nº 159 * jul/2022 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 130,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – revistascartum@gmail.com.

CHARLIE HEBDO * ensaio de *Fabio Mourilhe, em cenário de secularização e escatologia moderna* * 2022 * 72 pág. * 140x200mm * edição digital * **Henrique Magalhães** – www.marcadefantasia.com.

COLEÇÃO O FANTASMA * ilustrações, capas, comentários, cartas, tudo relacionado ao *Fantasma* * nº 6 * jun/2022 * 14 pág. * A4 * **José Magnago** – R. Jerônimo Ribeiro, 117 – B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-377.



CRÂNIO ESPECIAL * série com histórias antigas de *Crânio, produção de Francinildo Sena, Luiz Alves, Gilberto Borba* * nº 1 * mai/2022 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 + porte * **Francinildo Sena** – fscranio20@yahoo.com.br.

CRÂNIO ESPECIAL * série com histórias antigas de *Crânio, produção de Francinildo Sena, Marcelo Salaza, Wagner Castilho* * nº 2 * mai/2022 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 + porte * **Francinildo Sena** – fscranio20@yahoo.com.br.

CRÂNIO ESPECIAL * série com histórias antigas de *Crânio, produção de Francinildo Sena, Márcio Cardoso, Salaza, Chagas Lima, Jefferson, Léo Reis* * nº 3 * mai/2022 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 + porte * **Francinildo Sena** – fscranio20@yahoo.com.br.



CRÂNIO & CARA DE GATO * minissérie 'Primogênito', produção de *Francinildo Sena e Mark Novoselic* * nº 1 * mai/2022 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 + porte * **Francinildo Sena** – fscranio20@yahoo.com.br.

CRÂNIO & CARA DE GATO * minissérie 'Primogênito', produção de *Francinildo Sena e Mark Novoselic* * nº 2 * mai/2022 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 + porte * **Francinildo Sena** – fscranio20@yahoo.com.br.

CRÂNIO & CARA DE GATO * minissérie 'Primogênito', produção de *Francinildo Sena, Alcivan Gameleira e Antonieto Pereira* * nº 3 * mai/2022 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 + porte * **Francinildo Sena** – fscranio20@yahoo.com.br.



GIBILÂNDIA * HQs de *Homem-Aranha, feita na Itália, Al Williamson e Archie Goodwin, Berni Wrightson, Stan Lee e Bill Everett, texto sobre Hulk* * nº 22 * jun/2022 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 28,00 * **Roberto Guedes** – R. Barão de Paranapiacaba, 119 – Diadema – SP – 09950-420 – guedesbook@gmail.com.

GRANDE DIABOLIK * aventura inédita em formato maior * nº 1 * mai/2022 * 164 pág. * 155x210mm * capa color. * R\$ 29,90 + porte * **Leonardo Pereira de Campos** – 85editora@gmail.com.

HQ - MEMORIES * HQs de Rodolfo Zalla, Alain Voss, John Giunta e Frank Frazetta, Manara, Keiji e Fernando Almeida, e Lyrio Aragão * nº 5 * jun/2022 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 25,00 * **Luigi Rocco** – luigirocco29@gmail.com.

MARIA MAGAZINE * tiras de 'Maria' de Henrique Magalhães, 'Zé Meioia' de Tônio e 'cotidiano alterado' de Edgard Guimarães, comentários, etc. * nº 4 (2ª ed.) * jul/2022 * 36 pág. * 140x200mm * capa color. * edição digital * **Henrique Magalhães** – www.marcafantasia.com.

Meio Século da GAROTA DE BORRACHA * conto ilustrado e HQ com aventuras da Garota de Borracha * nº 2 * jun/2022 * 20 pág. * 155x230mm * capa color. * **Emir Ribeiro** – C.P. 4104 – ACF Praia do Cabo Branco – João Pessoa – 58045-970 – emir.ribeiro@gmail.com.

MÚLTIPLO * HQs de Hugo Máximo e Oscar Suyama, André Carim e Luiz Iório, Mário Luiz, Roberto Causo e Gilvan Lira, Juliano Rocha, textos e resenhas de André Carim, Erick Lustosa, e Adalberto Bernardino * nº 66 * abr/2022 * 86 pág. * A5 * color. * R\$ 61,04 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.



MÚLTIPLO * HQs de Hugo Máximo e Oscar Suyama, Luiz Iório, Luga, Marcos Graão e Suyama, Israel Pereira e Suyama, textos de Gabriel Rocha, André Carim, Erick Lustosa, e Adalberto Bernardino * nº 67 * mai/2022 * 108 pág. * A5 * color. * R\$ 66,70 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de Hugo Máximo e Oscar Suyama, Luiz Iório, Luga, Alexandre Rabelo e Ênio Lopes, textos de Sílvio Ribeiro, André Carim, e Adalberto Bernardino * nº 68 * jun/2022 * 80 pág. * A5 * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andrecarim@outlook.com.

MÚLTIPLO * HQs de Luga, Alex Rabelo, André Carim e Luiz Iório, Omar Viñole, textos de Sílvio Ribeiro, Erick Lustosa, André Carim, e Adalberto Bernardino * nº 69 * jul/2022 * 100 pág. * A5 * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andrecarim@outlook.com.



NICK RAIDER * 4 aventuras inéditas * nº 2 * mai/2022 * 388 pág. * 155x210mm * capa color. * R\$ 49,90 + porte * **Leonardo Pereira de Campos** – 85editora@gmail.com.

PURE FRUIT * uma história da Alemanha, a partir de 1945, em quadros de vários autores, em alemão * nº 24 * ago/2021 * 48 pág. * A5 * color. * a/c **Gerd Bonau** – Alte Kieler Landstrabe 95 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

PURE FRUIT * edição dedicada a Johannes Brahms, com HQs de vários autores, em alemão * nº 25 * mai/2022 * 68 pág. * A5 * color. * a/c **Gerd Bonau** – Alte Kieler Landstrabe 95 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.



SAGUARO * 5 aventuras inéditas e completas * nº 1 * jun/2022 * 484 pág. * 155x210mm * capa color. * R\$ 66,90 + porte * **Leonardo Pereira de Campos** – 85editora@gmail.com.

3000 * ilustrações e biografias de personagens japoneses da era nuclear * nº 2 * jun/2022 * 24 pág. * A6 * color. * **Marcos Fabiano Lopes** – Av. Suarão, 2181 – Nova Itanhaém – Itanhaém – SP – 11740-000 – marcosfabianolopes@hotmail.com.

TUDO É ARTE * colagens, interferências, desenhos, trabalhos variados de José Nogueira, participação de Marcelo Dola * nº 6 * jun/2022 * 12 pág. * A5 * edição digital * **José Nogueira** – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.



TUDO É ARTE * colagens, interferências, desenhos, trabalhos variados de José Nogueira, participação de Paulo Bruscky * nº 7 * ago/2022 * 12 pág. * A5 * edição digital * **José Nogueira** – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

TUDO É ARTE * colagens, interferências, desenhos, trabalhos variados de José Nogueira * nº 8 * ago/2022 * 12 pág. * A5 * edição digital * **José Nogueira** – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

VIDA TRAÇADA * um perfil de Flavio Colin, por Gonçalo Junior * 2022 (2ª ed.) * 80 pág. * edição digital * a/c **Henrique Magalhães** – www.marcafantasia.com.



FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * contos, artigos, ilustrações, resenhas, HQs de Rynaldo Papoy, Angelo Júnior, etc. * nº 236 * jul/2022 * 19 pág. * edição digital * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * contos, artigos, ilustrações, resenhas, HQ de Rynaldo Papoy, etc. * nº 237 * ago/2022 * 12 pág. * edição digital * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.



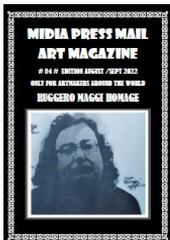
OUTROS ASSUNTOS

FANZINES EM SALA DE AULA * construção de novas formas de pensar, pesquisa de Yuri Amaral * jun/2022 * 108 pág. * edição digital * a/c Henrique Magalhães – www.marcadefantasia.com.

FILMES ANTIGOS – EUROPA * comentários sobre filmes europeus de várias épocas * nº 9 * jun/2022 * 36 pág. * 180x260mm * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

GARIMPO * notas culturais diversas * nº 204 * jul/2022 * 2 pág. * A4 * color. * Cosme Custódio da Silva – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001 – coscussilva65@gmail.com.

INTERVALO * seleção de comentários rápidos sobre curiosidades do cinema e TV * nº 51 * jul/2022 * 8 pág. * A5 * Francisco Filardi – Est. Adhemar Bebiano, 257/306, bl. 3 – Rio de Janeiro – RJ – 21051-900 – intervalo.rj@gmail.com.



MEGAROCK * entrevista com a banda Dead Fish, texto sobre Redson (Cólera), resenhas de CDs, etc. * nº 64 * jan/2016 * 12 pág. * A4 * Fernando Cardoso – C.P. 3535-1 – Diadema – SP – 09950-971 – contato_fernandocardoso@hotmail.com.

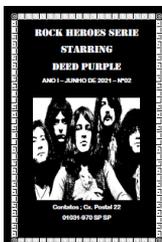
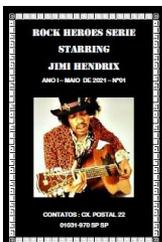
MIDIA PRESS MAIL ART * homenagem a Ruggero Maggi, grafites, photo art, rubber stamp, mail art, etc * nº 84 * set/2022 * 11 pág. * A5 * edição digital * José Nogueira – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

O ROCK E EU * José Nogueira conta sua história de amor ao Rock'n'Roll, capas de discos, fotos, etc. * nº 0 * jul/2022 * 41 pág. * A5 * edição digital * José Nogueira – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

O ROCK E EU * 2ª parte da história de José Nogueira e seu amor ao Rock'n'Roll, capas de discos, revistas, livros, etc. * nº 1 * ago/2022 * 22 pág. * A5 * edição digital * José Nogueira – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

ROCK HEROES * edição dedicada a Jimi Hendrix, com pôsteres, capas de discos, revistas e livros, letras, etc. * nº 1 * mai/2021 * 22 pág. * A5 * edição digital * José Nogueira – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

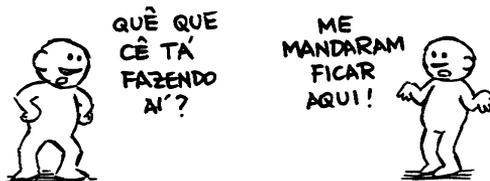
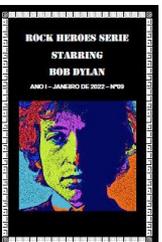
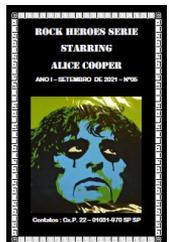
ROCK HEROES * edição dedicada a Deep Purple, com capas de discos, revistas e livros, letras, fotos, etc. * nº 2 * jun/2021 * 22 pág. * A5 * edição digital * José Nogueira – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.



ROCK HEROES * edição dedicada a Alice Cooper, com capas de discos, cartazes, letras, matérias, flyers, etc. * nº 5 * set/2021 * 30 pág. * A5 * edição digital * José Nogueira – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

ROCK HEROES * edição dedicada a Bob Dylan, com pôsteres, capas de discos e revistas, letras, caricaturas, etc. * nº 9 * jan/2022 * 22 pág. * A5 * edição digital * José Nogueira – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

ROCK HEROES * edição dedicada a Jefferson Airplane, com capas de revistas e discos, cartazes, letras, fotos, etc. * nº 14 * jun/2022 * 26 pág. * A5 * edição digital * José Nogueira – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.



QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além dos nºs 24 e 25 de **Pure Fruit**, 6 edições da série ‘Gratis Comic Tag’, evento ocorrido em maio em que as editoras alemãs produzem revistas grátis com amostras de seus produtos. Essa edição do evento teve 35 revistas diferentes. A editora Alles Gute! lançou a parte inicial do primeiro álbum da série ‘Wonderball’ com roteiro de Fred Duval e Jean-Pierre Pécau e desenhos de Colin Wilson. A editora Weissblech Comics lançou edição com 2 histórias completas de ‘Luba Wolfswanz’, interessante série de espada & magia, com boa dose de erotismo. A editora All Verlag resgata antigas séries franco-belgas, com ‘Spaghetti’ de Gosciny e Attanasio. A editora Kult Comics dá uma amostra da série ‘Die Gräfin’ de Parg. O estúdio Arazhul lançou uma edição da série ‘Arazhul Comic Adventure’. A editora Splitter lançou o primeiro volume da série ‘Colony’ de Pilippi e Cucca, ficção científica bem interessante.



QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

José Magnago enviou as revistas **Viva!** e **Quebrando o Silêncio**, com HQs, passatempos, informações, da mesma editora de **Nosso Amiguinho**. **Wagner Augusto** enviou a revista **A Turma do Dante** nº 2, revista educativa e de quadrinhos do Colégio Dante Alighieri. **Paulo Joubert Alves** enviou carta-resposta dos Devotos Mirins, do Santuário de Aparecida; e vários cartões telefônicos brasileiros e estrangeiros.



Divulgação da indicação de **Edgar Franco** ao Troféu Angelo Agostini, enviada por **Gazy Andraus**.

NOTA DE FALECIMENTO

Como já foi mencionado, várias vezes nesta edição, o mundo dos quadrinhos sofreu duas perdas no mês de julho, as duas ligadas estreitamente ao **QI**, pois foram leitores, colaboradores e participantes ativos das várias seções do fanzine: **José Pires** e **José Menezes**.

Sobre **José Pires**, consegui rapidamente material para lhe fazer uma homenagem, produzindo um encarte da série ‘Mestres das Histórias em Quadrinhos’, que é oferecido aos leitores junto com este número.

Sobre **José Menezes**, embora eu tenha bastante material a seu respeito, fazer um encarte não foi tão rápido. Mas já estou organizando todo o material e produzindo o trabalho. Espero conseguir a tempo de encartar a homenagem no próximo **QI**.



MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

SITUAÇÃO DO MERCADO DE QUADRINHOS NO BRASIL

A editora Mythos anunciou o cancelamento das revistas **Tex Coleção**, no nº 509, **Tex Edição Histórica**, no nº 120, e **Tex Edição de Ouro**, no nº 118. Em quatro editoriais (**Tex 632**, **Tex 633**, **Tex Coleção 509** e **Tex Edição Histórica 120**), o editor Dorival Vitor Lopes justifica a extinção dos títulos com os altos custos do papel e da operação, o fechamento de bancas de jornais e pontos de venda e a diminuição dos leitores para publicações em geral.

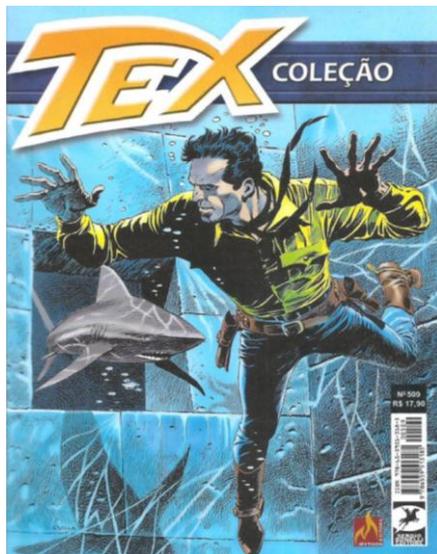
Analisando um pouco os três títulos; eles são republicações de HQs da série original. **Tex Coleção** é o mais antigo, começou em 1986 e arrumava a cronologia do personagem com a publicação de acordo com a série original, pois no Brasil as editoras editavam as aventuras de Tex de forma saltada. Já **Tex Edição Histórica** reunia HQs completas, já publicadas na **Tex Coleção**. **Tex Edição de Ouro** também republicava HQs completas que haviam saído na série original.

A consequência imediata do fim das três revistas é o lançamento da **Tex Omnibus**, com 800 páginas, com o tamanho italiano e edição semestral. O preço é R\$ 259,90! E publica as HQs do personagem desde a primeira aventura.

Esse movimento operacional da editora Mythos constata a situação do mercado de quadrinhos no Brasil: cada vez menos leitores se interessa por publicações na plataforma de papel, diminuição dos pontos de venda, especialmente das bancas de jornais, que hoje se transformaram em lojas de conveniência e a consequente gourmetização dos quadrinhos, com a limitação das tiragens e a extinção de títulos.

Mas se as tiragens diminuem, os preços aumentam e se criam nichos de leitores que podem pagar preços cada vez mais absurdos. Criou-se até uma nova categoria de colecionadores: os lombadeiros. Eles são os leitores que mantêm em suas prateleiras belas edições de capa dura com coleções que reunidas na ordem da numeração formam ilustrações dos personagens principais da coleção.

Deve-se acrescentar à situação da editora Mythos que os leitores do faroeste italiano são adultos ou idosos que acompanham as peripécias de Tex desde os anos 1970 e não existe uma renovação consistente de leitores.



Editorial de Dorival Vitor Lopes

Quando ocupo este espaço geralmente é para comunicar notícias especiais, como a estreia de uma nova série, ou uma iniciativa diferente, ou até alguma novidade menos agradável, como anunciar um indesejado aumento nos preços de capa.

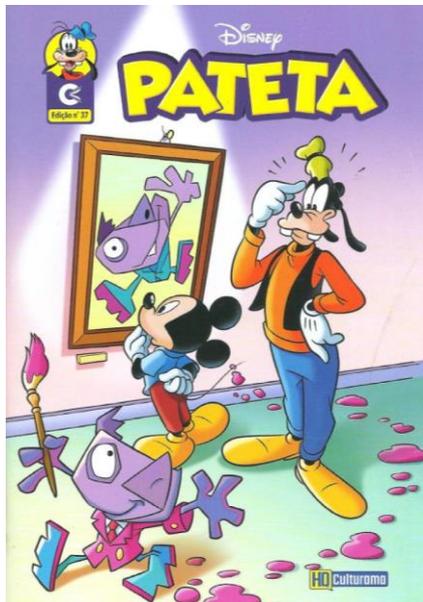
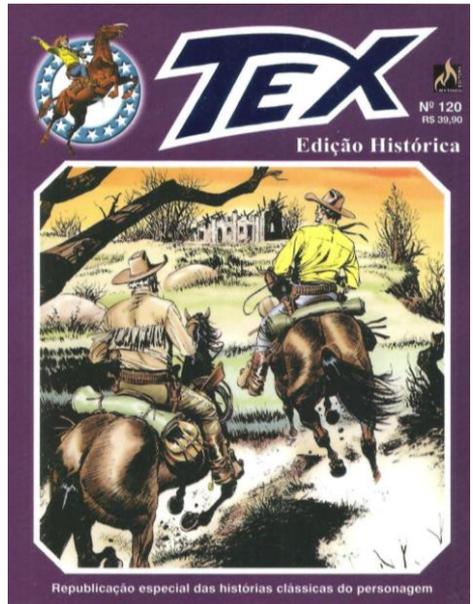
Desta vez foi a sincera necessidade de relatar a dramática situação que todo o mundo editorial, sem exceção, está vivendo. O aumento generalizado dos custos do papel e de todas as matérias-primas necessárias para a impressão, das tintas ao alumínio para as chapas, atinge fortemente todo o setor. Isso sem falar no custo do transporte e da energia necessária. E ainda há uma dificuldade objetiva, como jamais se viu antes, em encontrar as matérias-primas e tudo que é necessário para a produção. Ou seja, além de caros, os produtos estão em falta.

Como é sabido, os tempos atuais não andam nada fáceis e, infelizmente, parece cada dia mais difícil manter um otimismo razoável. A isso tudo se junta a preocupante diminuição da quantidade de bancas no território nacional, e do número de leitores em geral, que derrubaram fortemente nossas vendas. Em face de uma situação tão complexa, foi inevitável o ajuste dos preços de capa.

Ainda assim, para que a situação não piore, queremos pedir uma pequena e substancial ajuda: que o leitor tente comprar suas edições favoritas sempre na mesma banca, no mesmo ponto de venda. E mais, que ao encontrar as revistas, procure divulgar entre seus amigos, pessoalmente ou pelas redes sociais, em qual banca, gibiteria ou mercado encontrou nossos títulos. Incentivem seus amigos a comprar nossas revistas. Isso nos permitirá racionalizar a distribuição, evitando perder muitos exemplares e ter que fechar títulos. Uma coisa que talvez nem todos saibam é que para vender um certo número de exemplares, um editor deve imprimir no mínimo o dobro, se não mais. E, num momento em que o papel é tão escasso e valioso, o desperdício é ainda mais insuportável.

De nossa parte, reforço a intenção de não trair o compromisso de oferecer ao leitor histórias em quadrinhos dignas de manter alta a bandeira com a fogueirinha da Mythos.

Não é um bom acordo entre amigos?



Já a editora Culturama, que publica as HQs do mundo Disney, há cerca de três anos, também encerrou a revista **Pateta**, no nº 37. Além de várias edições especiais temáticas, a editora publica seis revistas mensais: **Tio Patinhas**, **Pato Donald**, **Histórias Curtas**, **Aventuras Disney**, **Mickey e Disney English Comics**, e a revista bimestral **O Grande Almanaque Disney**. Com a grande maioria das HQs de origem italiana, as revistas mensais têm 68 páginas e o preço de R\$ 8,90. As revistas são vendidas em bancas de jornais e depois de recolhidas vão para pontos alternativos como supermercados, papelarias, lojas e outros pontos que ajudam a escoar as tiragens. Mesmo assim parece que a revista não tinha uma vendagem suficiente ou houve algum arranjo operacional que cortou a publicação. As HQs que saíram na revista **Pateta** foram rearranjadas para a revista **Mickey** com a série 'As Quartas do Pateta', em que o personagem se reúne com o Mickey para ler seus escritos literários.

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

PADRE NOSSO PEQUENINO

E. Figueiredo

Penso muito em minha Mãe... Saudade, talvez...
Eu sei...

Minha querida Mãe foi para o Céu em 1983, e parece que passei a pensar mais nela depois que ela foi para lá. Sem ser presunçoso, eu acho que ela substituiu Nossa Senhora... Quem sabe?!...

É no mês de Dezembro quando sinto muita falta dela...

Fui garoto nas décadas de '40 e '50. Naquela época, pelo menos em minha casa, não havia a tradição de se armar árvore de Natal. O brinquedinho, ao meio de castanhas e nozes, não faltava junto aos sapatos, como era nosso hábito deixar junto à janela, na noite em que o Papai Noel chegaria. Árvore, mesmo, eu só via nas estórias que eu lia nos gibis, ambientadas nos Estados Unidos.

Muito religiosa, minha Mãe encarava o Natal pelo lado extremamente Cristão. Nos dias que antecediam a data da chegada do Menino Jesus, ela levava os filhos para ver os presépios nas igrejas próximas, e contava a história do nascimento de Cristo. Nesses momentos ela enfatizava a importância das orações e rezava.

Orar era uma coisa arraigada em minha Mãe. Ela sempre aproveitava as oportunidades para ensinar as orações. Nos dias em que não se podia sair à rua, comendo seus deliciosos Bolinhos de Chuva, ela gostava de citar, até em tom jocoso e meio cantado para nos despertar o interesse, o PADRE NOSSO PEQUENINO:



*Padre nosso pequenino,
Deus me guie no bom caminho.
Nossa Senhora é minha madrinha
São José é meu padrinho.
Cinco apóstolos me iluminem,
Cinco anjos me vigiem,
Na hora de minha morte
E na beira do caminho,
Em toda minha vida,
Amém!*

Ainda me recordo dessa singela oração, e sei que um dia estarei rezando, a lado dela, o Padre Nosso Pequenino...

GIBIS PERDIDOS NO TEMPO

GIBI CEILÂNDIA RETRATOU UMA ÉPOCA

Alex Sampaio

O gibi que retrata a Ceilândia em histórias em quadrinhos trouxe um passado de luta e superação dos primeiros moradores e é ferramenta para despertar nas novas gerações o orgulho de ser ceilandense.

A HQ foi idealizada pelo pioneiro e produtor cultural Suelenito dos Santos e Neftaly Vieira e contou com recursos do Fundo de Apoio à Cultura. Foram distribuídas 980 revistas em 10 escolas de Ceilândia.

A HQ mostra em sua narrativa os personagens no embarque do metrô no Terminal Ceilândia até a estação Central, resgatando um túnel do tempo de décadas de história dos moradores e seus barracos de madeira na extinta Vila do IAPI, em 1971, até a chegada do metrô em 2008.

A Vila do IAPI, que deu origem à Ceilândia, foi a maior invasão da história de Brasília. As pessoas que moravam na Vila IAPI eram candangos de verdade. Os barracos eram extremamente precários. Alguns candangos cobriam o teto com sacos de cimento, enquanto outros aproveitavam sobras de madeira de construção para improvisar nas moradias. Os moradores tinham qualificação para construção, mas não tinham um nível de instrução que lhes permitisse criar uma alternativa profissional.

Suelenito é pesquisador e roteirista. Fez curso de roteiro na Universidade do Ceará. O ilustrador Neftaly Vieira também é de Ceilândia. Esse gibi é muito difícil de ser encontrado hoje, devido a sua baixa tiragem e pelo descarte desconhecido pelos alunos da época. Fica o registro de uma publicação rara e de belo conteúdo.



O blog made in quadrinhos agora está no Instagram

Acessem \Longrightarrow @madeinquadrinhos

Curtam muitas informações sobre o mundo das HQs. Matérias, dicas, novidades, curiosidades, lançamentos e muito mais!

SOU BUZ E SOU JIM

Lio Guerra Bocorny

O personagem com o nome de Buz Sawyer no original americano estreou no Brasil como Jim Gordon, isso n' **O Globo Juvenil** de novembro de 1943, antes do término da Segunda Guerra Mundial.

Buz apareceu no auge do conflito como um aviador a bordo do porta-aviões "Tippecanoe", isso em novembro de 1943 e suas peripécias se estenderam até outubro de 1989, ou seja, quase 46 anos.



O **Novo O Globo Juvenil**, em seu terceiro número, publicou interessante aventura, 'Missão nas Caraíbas', que se passava em uma nação da América Central em época indeterminada e que seria o único aparecimento do herói nas páginas dessa revista.

Jim Gordon desapareceu das publicações da Rio Gráfica, retornando em magazine com o próprio nome em 1965, revista esta que teve apenas 13 números, sendo vários deles em edições extras com longas aventuras. Seu criador, o já então famoso Roy Crane, desenvolveu com seu novo personagem uma moderna técnica a partir da utilização do papel dobratone, dando um toque de mestre no recurso claro-escuro, valorizando em muito suas narrativas.

Crane faleceu em 1977, mas o personagem sobreviveu por mais de uma década através de John Celardo e Edwin Granberry.

Jim Gordon apareceu como um esforço de guerra dos Estados Unidos na Segunda Grande Guerra e estabelecida a paz, o que poderia terminar o brilho do oficial aviador, se tornou, entretanto, numa transformação do personagem.

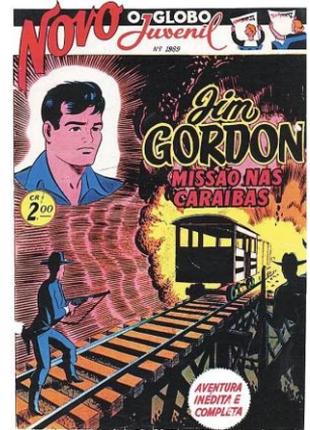
Roy Crane o transportou em exóticas e variadas aventuras pelo mundo e sempre ligado ao governo dos Estados Unidos se tornou agente em missões na América Central e outras regiões, sempre lutando contra a expansão comunista.

Participou da Guerra da Coreia e outros conflitos em diversas partes do mundo.

Conservou sempre um ar juvenil e a medida em que o tempo passou suas aeronaves acompanharam a evolução de seus modelos, até porque Crane pesquisava extensamente todos os detalhes dos aviões e dos navios e para tanto fazia frequentes visitas a vasos de guerra e aeronaves, com a devida permissão da Marinha norte-americana.

Diversas aventuras de Jim Gordon foram publicadas na saudosa revista **Vida Juvenil** nos anos 50 do século passado.

A partir da década de 50, a vigilância sobre a violência nos quadrinhos tirou muito do brilho das aventuras de guerra, mas a qualidade da arte e a inteligência das histórias ficaram na memória dos aficionados do simpático personagem.



RAFFLES

Pedro José Rosa de Oliveira

A matéria de hoje é dedicada ao álbum **Mr. Raffles Vai a Itaipava**, publicado pelo Grande Consórcio Suplementos Nacionais em 1941. É uma edição com 62 páginas, tamanho 27,5x19cm, capa dura.

As histórias de Raffles são aventuras policiais onde o personagem principal não é um herói e sim um ladrão muito sofisticado (para a época) cuja identidade secreta é Percy Meneval. A aventura se desenvolve em torno do roubo de uma urna de ouro por um príncipe árabe chamado Rama, que tem um castelo em Itaipava. Nesta história o Percy é chamado de Barão Mario Genotto de Aquila Merilla. Apesar de ser um ladrão, nas histórias acaba sendo o “mocinho” ajudando pessoas e a polícia.

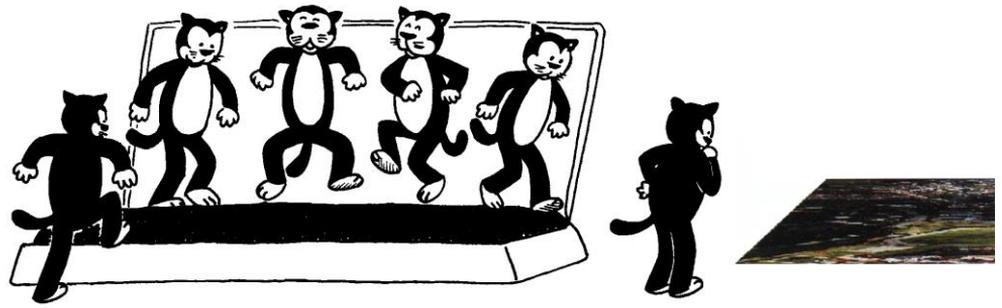
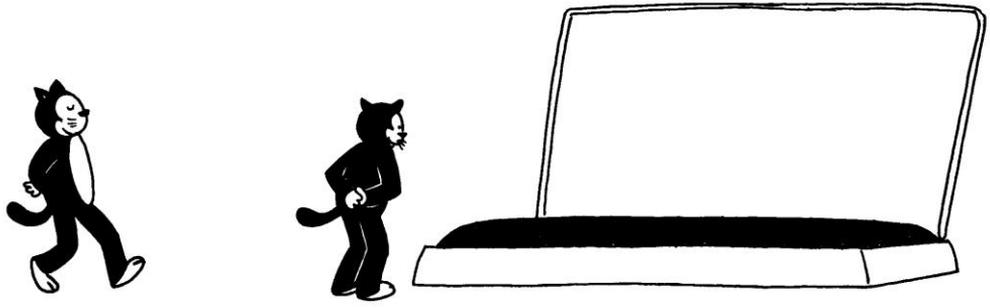


O personagem foi baseado em outro ladrão chamado Arthur Raffles, criado por Ernest William Hornung, cunhado de Sir Arthur Conan Doyle, em 1890. Eram contos policiais “pulp” que também foram publicados no Brasil nos anos 1920.

Raffles foi publicado no início em **Suplemento Juvenil** e depois em **Mirim**, entre 1936 e 1939. O título *Raffles* também saiu em **O Guri Cômico**, mas como sendo um outro personagem chamado de Lord Lister e desenhado por José Geraldo Barreto. Isto causa uma certa confusão pois utilizou o mesmo nome Raffles e fundo de história, mas trata-se de personagens diferentes.

Esta história *Mr. Raffles Vai a Itaipava* foi republicada em **Historieta** nº 5. Em 1987 a Ebal publicou o álbum **O Gavião do Riff / Raffles** como uma homenagem a Carlos Thiré, com as suas publicações que saíram em **Suplemento Juvenil**.



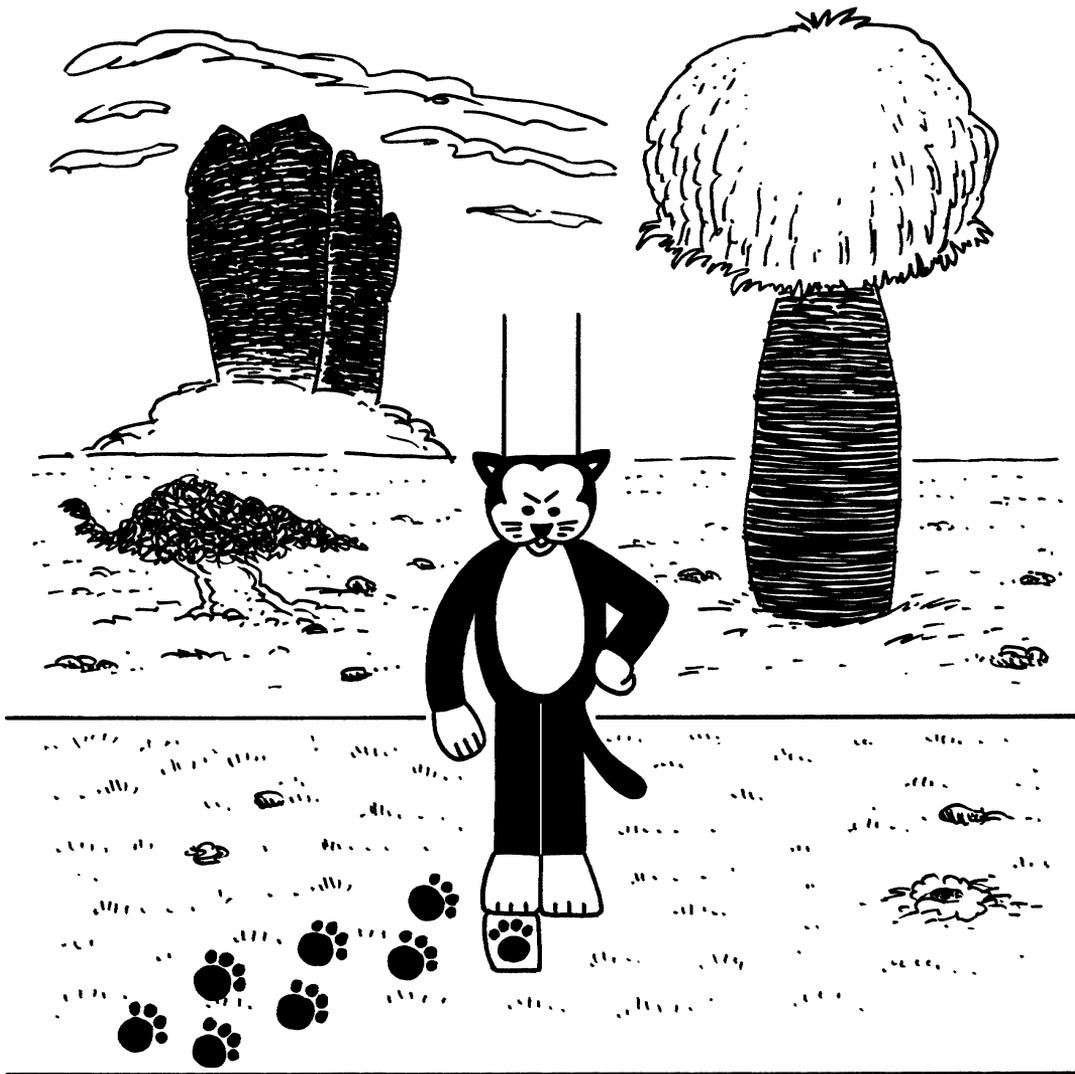


MARAJÁ



QUÊ QUE FICOU TODO
QUIETO DE REPENTE ?





Para imprimir em papel cartão (150 ou 180 g/m²) na cor amarela ou laranja, e montar o diorama.